



# O LUAU

**F.L. ALDRIGHI**



O LU AU

F.L. ALDRIGHI

Direitos autorais © 2020 Fábio Lourenço Aldrighi

Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do autor.

*"Eu conheci o próprio lobo na pele de um cordeiro"*

CHARLIE BROWN JR.

# QUARTA-FEIRA

## LUA CONVEXA

SÉRGIO

20 horas e 32 minutos

As escadas do prédio da Universidade de Guarujá parecem muito maiores este semestre. Quando começou a lecionar na instituição, há cinco anos, Sérgio subia facilmente os três andares que levam ao laboratório de anatomia, sem arfar. Naquela época, jogava partidas de futebol no ginásio da instituição, com os alunos de educação física, sempre que podia. Era o professor jovem, o mestre legal que até arriscava beber uma cerveja gelada, vez ou outra, com a turma. Foi antes do casamento, quando ainda exibia a aliança de noivado com orgulho, especialmente quando as alunas estavam por perto. A seu ver, o anel era peça chave na composição da imagem galante de homem experiente.

Sérgio sempre gostou demasiadamente das alunas. Era o *brother* dos alunos, claro, mas as alunas eram seu ponto fraco. E Ainda são.

Ao fim das partidas, durante o papo furado com os alunos, quando por vezes surgia um mais atrevido, questionando se Sérgio havia “pegado” uma de suas alunas, o professor sabia se impor e cortar o assunto para evitar problemas. Porém, a verdade, é que Sérgio “pegava” alunas sempre que as oportunidades surgiam.

Os anos se foram depressa. Sérgio casou, seu filho nasceu, o futebol virou um luxo, muitos quilos vieram, muitos cabelos se foram e as escadas ficaram muito maiores, como já foi dito.

As alunas também deixaram de lhe dar atenção e, com isso, sua fixação por elas só cresceu. Assim como cresceram seus sentimentos de rancor e inferioridade. Sérgio repete para si, como um mantra, que cada um deles irá envelhecer. Cada “brother” terá o mesmo destino que ele. Assim como, cada uma das jovens esnobes verá no espelho seus atributos firmes tornarem-se mais e mais flácidos.

Sérgio culpa as alunas mais voluptuosas por sua falta de interesse pela esposa. Para o professor, não há como desejar a mãe de seu filho depois de passar horas olhando para aquelas garotas. Enxerga a todas como provocadoras e grandes culpadas por lhe fazer, muitas vezes, perder o intervalo entre as aulas para se masturbar nos banheiros privativos do corpo docente. Sérgio já perdeu as contas de quantas vezes se viu de pé, com as calças na altura dos joelhos, quando não jogadas no chão sujo, enquanto se apoiava na parede de um cubículo, dividindo espaço com o vaso fétido e repetindo baixo o nome de suas alunas mais jovens e formosas. Nomes que, geralmente, vêm acompanhados dos mais chulos adjetivos. Quando Sérgio olha para baixo e percebe a barriga lhe atrapalhando, sua imaginação busca fantasias mais agressivas, onde o sexo é doloroso para elas.

Quando termina, ao invés de satisfeito, o professor se sente ridículo. Quase tão ridículo quanto ele realmente é.

Sérgio empurra as portas duplas do laboratório de anatomia. Percebendo que os estagiários deixaram tudo pronto para aula, sorri satisfeito. O ar condicionado da sala traz um tanto de alívio a quem subiu três andares de forma sofrida, em pleno verão da cidade litorânea. Para piorar, logo na primeira semana de aula do começo de ano, a porcaria do elevador está quebrado.

Sobre a mesa no centro da sala, o corpo enegrecido e com forte cheiro de formol será atração principal de sua aula para os calouros deste semestre. Com certeza, o primeiro cadáver que a maioria dos alunos verá. A não ser, por parentes maquiados e cobertos de flores bregas nos velórios que tenham frequentado. É o único corpo completo da universidade e, a cada semestre, recebe um apelido diferente vindo dos jovens. O mesmo que certa vez, após uma aula, ostentava um *piercing* na sobrancelha. Travessura perdoada por Sérgio, assim que descobriu ter sido obra de Renata, aluna com o sorriso mais bonito daquele semestre.

Sobre as outras bancadas, órgãos avulsos e devidamente identificados, vindos de doações ou talvez de indigentes, compõem o resto do material, ainda precário na opinião do professor.

Sérgio gosta do silêncio que precede suas aulas, quando chega alguns minutos mais cedo ao andar do laboratório. Hoje, ainda mais vazio que o costume. Boa parte dos alunos está acompanhando os jogos de boas vindas aos calouros e muitos professores dispensam seus alunos para que interajam na quadra. Sérgio não. Se ele não joga mais, se ele não tem mais tempo ou disposição e, principalmente, se suas alunas não suspiram mais pelo professor, que jogava sem camisa de igual para igual com os jovens, então não haverá dispensa. Se elas não deixam mais que ele as apalpe... então, esta noite, todos irão passar horas apalpando os mortos.

Infelizmente, o cadáver sobre a mesa de metal não será o único do lugar até o fim desta noite. Assim como, os órgãos distribuídos de forma organizada sobre as bancadas terão a companhia de alguns outros.



Bruna não consegue entender o porquê de seu ônibus parar tão longe dos portões da universidade. Um bom número de estudantes já reclamou sobre o perigo que há em caminhar por mais de uma quadra, passando em frente ao matagal que rodeia a instituição. Ela tem amigas que tiveram todos os pertences roubados por ali. Sem contar o sequestro relâmpago de um aluno no começo do semestre passado. Sem contar que o morro próximo abriga uma das comunidades mais violentas da região. E, para piorar, o prédio da universidade é praticamente a última construção nesta parte da cidade. Depois do campus, a avenida deixa de ser asfaltada, tornando-se um caminho arenoso, de raras casas, que leva aos mangues da ilha. Pensando nisso, Bruna imagina que nem seu sonhado carro faria diferença. Se conseguisse comprá-lo, provavelmente iria ter de estacioná-lo longe, percorrendo a pé um caminho ainda mais perigoso.

Na verdade, o carro é um sonho alto demais por enquanto. A aluna de educação física pesquisou por horas durante o fim de semana e não terminou nada animada. Talvez uma moto seja mais fácil de conseguir. Bruna, atualmente, é a melhor vendedora da loja de calçados do principal shopping da cidade e, mesmo tendo começado há poucos meses, tem certeza que não será dispensada ao fim do verão. Isso aconteceu das outras vezes que trabalhou como vendedora de temporada, mas não é justo de qualquer forma, já que perdeu os melhores dias do verão. Trabalhando nos fins de semana, sequer aproveitou as praias lotadas, nesta época em que turistas vem e vão num ritmo parecido com o das marés.

O emprego é importante. Sua mãe ainda lhe sustenta e também à neta, sem esconder a decepção de ter visto Bruna ganhando uma filha aos dezessete. Desde então, há pouco mais que três anos, alguns assuntos não são bem vindos na casa humilde de Dona Magda. Carros e viagens são exemplos. As sonhadas próteses de silicone para aumentar os seios então, nem pensar. Logo, se quiser dinheiro para qualquer tipo de luxo, precisa manter o trabalho. Para completar, também é sua mãe quem paga os estudos na faculdade.

Apesar de ter se esforçado, Bruna não conseguiu se sair bem em todas as disciplinas do curso. Terá que frequentar novamente as aulas de anatomia deste semestre. Terá também, que rever todos os nomes complicados, aguentar o cheiro de formol queimando nariz e olhos, além do perfume amadeirado, forte e irritante do professor Sérgio. O perfume é ainda pior nestes dias quentes e a faz lembrar-se do cheiro do pai de sua filha, esse que, diferente do professor, pelo menos, fez o favor de sumir.

Bruna aperta o passo assim que se vê à frente da parte mais escura do matagal. A Lua, quase cheia por completo, aparecendo por de trás das altas bananeiras, tornam o lugar mais assustador. Fácil imaginar qualquer coisa pulando das sombras, como uma onça, já que ouviu boatos de que poderia haver alguma por ali. Talvez uma aranha, uma cobra ou um estuprador de perfume forte e amadeirado.

Bruna escuta os barulhos vindos da quadra esportiva da universidade. Os gritos, xingamentos e apitos ficam mais altos enquanto se aproxima. Então, a vegetação ao seu lado se mexe fortemente, trazendo sua atenção se voltar para o caminho assustador.

O coração de Bruna dispara. Sua bolsa e o jaleco branco e mal dobrado são apertados contra o peito. Tropeça assim que olha para trás e, com esforço, se mantém de pé, conseguindo, por muito pouco, segurar o grito que quer deixar a garganta.

A garota dá mais alguns passos de costas. A sensação de que algo ali a observa é forte. A Lua, intimidadora, lhe dá vontade imensa de correr. Mas nada salta das sombras.

Bruna continua apressada em seu caminho.

JEFERSON

20 horas e 43 minutos

Salvo dos olhos de qualquer transeunte, agachado em meio ao matagal, Jeferson observa a jovem que caminha assustada em direção aos portões da universidade. O corpo inteiro de Jeferson está estático. Seu pulso está acelerado e sua mente confusa.

– Ae Caralho!

A voz rouca, que soa como algo entre um sussurro agitado e um grito contido, chama a atenção de Jeferson. Logo atrás dele, seu companheiro Dário, de braços abertos como um tamanduá desafiado, mantém expressão incrédula.

– Ta apaixonado, filho da puta? – Dário continua.

– Bateu um negócio estranho – Jefferson responde levando a mão ao peito.

– Bateu, né Jefinho? – Dário ri. – Bateu amor na gostosinha.

Jeferson diz a verdade. O aperto no peito e o turbilhão de pensamentos despertam uma forte angústia. Ele não sente algo assim há um bom tempo. Sem perceber, pressiona com força entre os dedos a correntinha de ouro que lhe pende do pescoço até a altura do peito. A correntinha que fora fruto de seu primeiro roubo, aos quatorze anos e que levou até o terreiro enquanto pedia proteção aos orixás para o rumo que tomaria em sua vida. A mesma que banhara no sangue de um cachorro sacrificado quatro anos depois, há menos de um mês, quando pediu ajuda para escapar de um sério problema.

Jeferson só sentiu-se tão mal assim, naquela noite em que cortou a garganta do cachorro. Nunca machucou ninguém de verdade, diferente de Dário, ele sequer é agressivo quando aborda alguém para tomar seus pertences. Carrega remorso até hoje pelo cão. Mas precisou fazê-lo.

Havia sido jurado de morte por outro assaltante, por uma briga fútil e uma ofensa tola. Sua mãe de santo previu algo muito ruim em seu destino e, para mudar isso, ele teve que fazer uma oferenda valorosa para um orixá que considera forte e justo. Foi por isso que Jeferson sangrou o pobre cachorro em nome de Exu.

Sua correntinha dourada foi mergulhada no sangue do cão e colocada de volta, ainda gotejante, ao redor de seu pescoço. Na noite seguinte, o rival de Jeferson foi morto a tiros depois de cometer um erro, tentando assaltar um policial em trajes civis.

A mãe de santo lhe avisou que o orixá havia interferido fortemente em seu destino e que Jeferson devia esperar uma manifestação do mesmo em breve. Preocupado, passou noites acordado, se assustando por qualquer ruído próximo.

Sempre esperando que Exu, em com uma de suas faces mais temidas, como um monstro, viesse cobrar o favor de alguma forma.

Pois Jeferson não esperava que fosse assim. Pouco antes de decidir avançar sobre a moça, para tomar-lhe a bolsa, sentiu uma mão firme em seu ombro que soube não ser a de Dário. Assim como a voz intimidadora em seu ouvido, não era a do parceiro. “Não te mete com ela. Essa daí tá prometida”, escutou.

Jeferson, na verdade, não se sente bem desde o momento que saiu de casa e colocou os olhos na Lua. O astro parecia pesar em seus ombros com a mesma força que a mão de seu santo acabou de pesar. Jeferson tem certeza que há algo muito pior que Dário e ele no caminho da moça.

RENAN

20 horas e 53 minutos

Na quadra da universidade, os membros da equipe de futsal do último ano do curso de educação física esperam sua vez de competir, enquanto outros times disputam uma partida. Os jogos de boas-vindas aos calouros fazem parte das tradições que Renan implantou no curso. A Universidade do Guarujá é severa ao proibir trotes, então, os alunos criaram uma série de atividades saudáveis, ao menos quando apresentadas à administração. As tradições de boas-vindas mais escusas são planejadas nos círculos fechados dos veteranos.

– O Soares vai arrumar mais dois engradados pra gente, na faixa, mas é da mais barata...

Renan fala enquanto termina de reforçar o nó nos cadarços da chuteira, sentado no banco no canto da quadra. O jogo segue barulhento logo ao lado.

– Importante é estar gelada, parceiro! – Exclama um rapaz alto e acima do peso, que veste a camisa de número cinco do time. – Mas não é isso que ta faltando!

– É mesmo, Thiago? – Renan indaga correspondendo o sorriso malicioso do amigo. – Tá faltando o que então?

– Cadê a virgem pro sacrifício do luau?

Renan, Thiago e os outros três jovens no círculo riem juntos agora.

No seu primeiro ano do curso, decepcionado com os veteranos da época, que não tinham o costume de fazer uma festa sequer, Renan organizou o primeiro luau da turma de educação física. Arranjou apoio para confeccionar camisetas, conseguiu bebidas, equipamento de som, decoração e tudo mais que podia. O resultado impressionou alunos de outros cursos e a universidade teve, numa das praias mais bonitas da cidade e em noite de lua cheia, a melhor festa desde sua inauguração. No semestre seguinte, Renan organizou o esperado segundo luau com o tema de boas-vindas aos calouros. Mais cursos se envolveram e a comemoração tornou-se uma tradição. A partir da terceira edição, a administração da universidade passou a apoiar Renan com a festa.

No círculo interno de Renan, Thiago e outros, o luau representa mais. Os jovens usam o status de organizadores para conseguir muita coisa, como a atenção das colegas por exemplo. Mas foi com inspiração nos filmes e séries cheios de besteiro, que chegaram à conclusão de que seria divertido simbolizar o sacrifício de uma virgem. O sacrifício, em si, foi representado no primeiro luau, por Renan conquistando uma aluna, dormindo com ela e conseguindo fotos para provar.

Na verdade, assim que Renan começou a organizar o primeiro luau, percebeu que Larissa, sua colega de classe, estava muito atraída por ele. Com mensagens bobas trocadas pelo celular, descobriu que a garota de fato era virgem. Renan percebeu que poderia dormir com Larissa e passou a desafiar os amigos. Qual deles seria o primeiro a sacrificar uma virgem?

Larissa estava de fato apaixonada. Encantada pelo rapaz de sorriso largo e rosto de expressões tão fortes quanto o resto do corpo. Renan se destacava dos companheiros de classe. Despertava interesse na maioria das colegas. Larissa deitou com ele uma noite antes da festa. O primeiro sexo de sua vida não foi bom, perceber que estava sendo rejeitada, um dia depois, foi pior.

O primeiro luau foi o único em que Renan realmente se deitou com uma virgem. Nas edições seguintes, os parâmetros de escolha, discutidos e acertados entre os amigos, mudaram. Já escolheram a garota mais desejada, a garota comprometida, a mais jovem... O nome da tradição, sacrifício da virgem, no entanto, se mantém. Nesta semana, debateram muito pela quadra e nas mesas da padaria vizinha. Muitas calouras foram apontadas, mas uma garota em especial chamou a atenção do grupo.

– Quero ver se tu vai mesmo pra cima Vadinha Adams. – Thiago aponta para a garota de vestes escuras do lado de fora da quadra.

– É Vandinha a mina do filme, arrombado.

Renan corrige o amigo enquanto também observa a garota. Descobriu, ainda ontem, que seu nome é Isabela. Apanhou uma cadeira para ela se sentar na padaria, por pura gentileza, não se interessou por ela de fato. Mas, assim que voltou para a mesa dos amigos, começou a pressão sobre a tradição do sacrifício. A maioria concordou que a estranha garota gótica era perfeita. Renan, na mesma noite, a procurou nas redes sociais.

– Vai queimar a bruxa, Renan? – Debocha outro dos colegas.

– O torto é namorado dela? – Thiago aponta para o rapaz de óculos que acompanha Isabela. A observação maldosa se dá por uma visível má formação. Um dos ombros do rapaz é bem mais baixo que o outro.

– É nada! – Renan responde. – E vou te falar, se essa não for virgem, moleque, desisto. Não existe mais nenhuma.

As risadas e comentários vão diminuindo de tom, assim que outra estudante se aproxima do círculo. Thiago chuta o calcanhar de Renan, lhe chamando a atenção.

– Que foi, gordinho?

– A Bruna, cusão. – Thiago responde.

Bruna para a alguns passos do grupo. Renan se levanta de forma lenta e abre um sorriso de malícia. Olha de cima a baixo a colega que veste roupas justas de academia. Ele vai até ela, ignorando as piadas bobas dos que estão em volta. Move os lábios simulando exageradamente a palavra “nossa” enquanto se aproxima.

– E ai, Bruninha? – Renan a cumprimenta com um beijo na face, deixando que os cantos dos lábios se encostem.

– Pra quem eu pago o convite do luau? – Bruna sorri deixando seu rosto próximo.

– O Thiago que ta recolhendo.

– Afe – Bruna estende duas notas dobradas para Renan. – Entrega pra ele então, não gosto desse moleque.

– O que é que o gordinho te fez?

– É fofoqueiro.

– Tu que não sabe disfarçar. – Renan sorri de canto de boca enquanto apanha o dinheiro. – Vai assistir a meu jogo?

– O professor Sérgio não dispensou minha turma, tu acredita?

– Que merda isso. Sem você pra torcer não tem graça.

Os dois se olham de modo firme. Renan gosta, muito, de saber que a garota lhe procura. Gosta da forma com que ela mexe nos cabelos sempre que ele se aproxima. Seu pai lhe ensinou que isso era um sinal claro de interesse e Renan encara isso como um ensinamento religioso. Bruna foi a “virgem sacrificada” do último luau. Os amigos não perderam a chance de zombar de Renan, já que Bruna já tinha uma filha. Thiago repetia sempre que o capitão do time havia sacrificado a virgem Maria. Para Renan, porém, todos têm que reconhecer que Bruna é um “golaço”, como eles costumam dizer. A garota tem, na opinião do grupo, um dos corpos mais bonitos da universidade. Ele cansou de exibir a página pessoal de Bruna, cheia de fotos dela usando biquínis, antes de mostrar para os amigos seu próprio acervo de fotos íntimas que conseguiu da garota.

Diferente de Larissa, a quem ignora por completo, Renan ainda se encontra com Bruna vez ou outra. Ele sabe que ela procura algo mais sério com alguém, mas percebeu também que, enquanto ela não encontra, ele ainda tem chance de se divertir.

O casal se despede com mais um beijo que deveria ser nos rosto, mas os lábios se encostam o suficiente para que um arrepio lhes corra pelas costas.

Enquanto Bruna se afasta, Renan percebe Isabela ao fundo. A garota o observa com olhos esverdeados e por demais expressivos, que se destacam por detrás da maquiagem preta e pesada. Renan admite para si que enxerga nela uma beleza exótica. Ela sentiu ciúmes por ele mostrar intimidade com Bruna? Pergunta-

se. Sorri confiante , imaginando que sim. Isabela corresponde com um sorriso discreto.



SÉRGIO

21 horas e 06 minutos

Onze alunos. Dos quase quarenta inscritos em sua matéria, é este o número de presentes na aula. Sérgio sabe que a primeira semana não é levada a sério. Isso, graças aos jogos e festas encabeçadas, principalmente, pela turma de educação física. Já esperava a ausência da maioria em sua aula e, exatamente por isso, planejou algo valendo nota.

Praguejando contra os barulhos e a gritaria altíssima que vem da quadra esportiva, Sérgio vai até as portas do laboratório, pronto para fechá-las, mas vê uma de suas alunas se aproximando, caminhando apressada pelo corredor vazio do andar. Bruna, uma das repetentes do último semestre e, também, uma das favoritas dentro das fantasias do professor.

– Boa noite, dona Bruna Aparecida – Sérgio cruza os braços frente à entrada.  
– Chegando cedo pra aula de amanhã?

– Puxa, professor – a aluna lhe oferece um sorriso falso e nem um pouco esforçado. – Amanha não dá. Infelizmente só tenho aula com você uma vez na semana.

Bruna espera que o professor abra caminho, mas, sem descruzar os braços, Sérgio vira o corpo de lado, dando espaço apenas suficiente para que ela consiga entrar, tendo que resvalar seu corpo no dele.

A aula de apresentação do laboratório segue de forma quase robótica. Sérgio passou por isso tantas vezes que consegue fazer sua mente divagar, sem dificuldades, enquanto segue falando e gesticulando, transmitindo cada regra importante e todas as instruções para os novos alunos. Consegue observar a todos, procurando entre as jovens, alguma que possa competir com Bruna pela sua atenção. Entre os rapazes, procura os que podem ser seus rivais, os “alfas” do novo grupo. Não considera esta, até o momento, uma turma interessante. Espera que os alunos que não compareceram lhe façam mudar de idéia nas próximas aulas. Um dos poucos que lhe chamam atenção é o aluno de cabelos bagunçados, mais que o normal para as modas da vez, que além de um pouco pálido, vem tossindo seguidamente, provavelmente espalhando germes pelo laboratório. Sérgio busca mais algum motivo para não ir com a cara do rapaz, algum motivo além do fato de ter percebido os olhares de Bruna sobre ele.

O professor de anatomia realmente reparou em muitas coisas enquanto falava. Infelizmente, ele não reparou na pessoa que se aproveitou do andar vazio para se

aproximar sem problemas da entrada do laboratório. Uma figura que retirou correntes e cadeados da mochila, lacrou as portas da sala e deixou todos eles presos do lado de dentro.

Se Sérgio tivesse percebido, haveria alguma chance de evitar a tragédia que acontecerá dentro de alguns momentos.

BRUNA

21 horas e 28 minutos

Bruna já escutou tudo aquilo. Passou um semestre inteiro assistindo aulas de Sérgio, aguentando seus olhares e suportando suas tentativas ridículas de se mostrar charmoso. Distraída por natureza, não tem a menor dificuldade em desligar a atenção e transformar a voz do professor em um eco distante que se junta à gritaria do lado de fora, pela comemoração de mais um gol. Imagina que talvez seja de Renan. Bruna já correu os olhos por todo o laboratório bem iluminado. O lugar, para ela, parece o pedaço de um hospital perdido no meio de uma faculdade. Já se distraiu pensando como estão limpas as largas janelas de vidro que, fechadas, ajudam a manter o lugar frio, apesar do calor que faz lá fora. Já admirou a Lua, já observou todos os colegas e claro, já pousou, por longos momentos, seus olhos sobre Felipe.

O rapaz de cabelos bagunçados e caídos nos olhos chamou a atenção de Bruna logo no primeiro dia de aula. Foi uns dos poucos presentes, além dela. Ele, provavelmente, por ser tímido demais. Ela, por estar decidida a se esforçar o quanto for possível neste semestre. Trocaram algumas palavras sobre dúvidas da matéria e se apresentaram. Ela descobriu uma coisa ou outra sobre o estudante de fisioterapia que já estava em seu segundo semestre, mas cursa algumas matérias do primeiro. Torceu para que tivessem mais aulas juntos. Cá estão. Não é o tipo de cara que costuma lhe chamar a atenção. Felipe parece desprendido de preocupações com a aparência, apesar de ter um cheiro bom, que lembra xampu infantil. Usa roupas mais largas e tênis surrado. Além de magro, tem traços finos, delicados até, que combinam com o jeito acanhado. Tão diferente de Renan. Talvez seja isso que Bruna procure, alguém que fuja do estereótipo *galinha* e seja diferente do traste que lhe engravidou. Alguém com quem ela possa se imaginar num passeio de mãos dadas, enquanto toma sorvete pelas praias da cidade, só para variar.

Bruna é pega de surpresa quando Felipe se vira e percebe de pronto que está sendo encarado. Resta à Bruna sorrir sem jeito para o rapaz, que corresponde, mas logo baixa a cabeça para tossir. Uma tosse bem feia na verdade.

– Formem duplas! – O professor chama a atenção. – Um de vocês coloca as luvas para identificar as peças sobre as bancadas e o colega vai anotando na prancheta. E cuidado com o material!

Animada, Bruna percebe que Felipe não tem ninguém para a dupla. Aproveita a oportunidade para se aproximar confiante.

– Prometo fazer uma letra linda se você ficar com a parte nojenta.

Felipe responde com um sorriso em um rosto enrubescido, mas é tomado por um novo acesso de tosse, desta vez mais forte, antes de poder dizer algo.

As mãos do rapaz buscam apoio pelas bancadas, espalhando alguns objetos. Bruna, mesmo querendo ajudar, está parada, tanto por não saber o que fazer quanto por constrangimento. Aquilo não é normal. A tosse faz com que Felipe solte uma espuma viscosa pela boca no mesmo momento em que bate com uma das mãos violentamente contra uma bandeja sobre a mesa, derrubando o que parece ser um fígado encharcado de formol. Bruna pergunta-se, atônita, se ele está realmente sufocando ao ponto de precisar ser salvo por alguém que saiba como fazê-lo. A aluna só consegue se afastar, recuando alguns passos até esbarrar nos colegas que assistem a tudo, também confusos.

– Mas o que...? – O professor aproxima-se com passos largos, dirigindo-se até Felipe – Rapaz, por que você não sai para...

A fala de Sérgio cessa assim que Felipe cai de joelhos e, em seguida, de bruços. Espuma deixa sua boca, molhando o piso, enquanto os espasmos fazem com que seu rosto bata repetidas vezes contra o chão.

Felipe ergue a cabeça em um movimento assustadoramente rápido, um estalo vindo de sua coluna vertebral faz com que Bruna se arrepie por inteiro, deixando escapar um gemido curto. Quando seus olhos encontram os de Felipe, a garota sente as pernas amolecerem, o corpo parece pesar toneladas e ela cai recostada a um armário de metal frio. Não são os olhos do rapaz com quem flertava ainda há pouco. São duas esferas amarelas, hediondas e bestiais.

Bruna não é a primeira a gritar, mas segue os demais.

Um aluno, que havia apanhado o celular e o apontava para a confusão, desiste de gravar qualquer coisa, assim que vê aqueles olhos queimando de forma surreal. O som dos estalos, que parecem ser dos ossos de Felipe, se espalha pelo laboratório, fazendo com que os alunos tapem os próprios ouvidos com mãos trêmulas enquanto correm para as portas.

Bruna não tem forças para levantar. Ainda no chão, ela se arrasta com a ajuda das mãos e cotovelos se afastando o quanto pode, mas não consegue tirar os olhos de Felipe. Ela percebe os braços do rapaz se retorcendo, a coluna ganhando mais altura enquanto a roupa se rasga e, o pior deste pesadelo, seu rosto ganhando a forma de um focinho alongado.

– Abre logo porra!

– Abre filho da puta!

Os gritos junto às portas chamam a atenção de Bruna, que vê os colegas desesperados e amontoados, tentando escapar do laboratório.

– Tá presa, Caralho!

Presos. Trancados. Bruna sente espasmos pelo corpo. Suas têmporas doem. Gosto de ferro na boca. Pânico. Seus olhos deixam as portas e buscam novamente Felipe. Ela não encontra o rapaz. Na verdade, nunca mais o verá. Encontra em seu lugar uma besta, um animal de pelos negros, de pé como um humano, mas curvado e, ainda sim, muito mais alto que Sérgio.

O professor está paralisado, próximo demais da criatura. Bruna percebe aquele homem, por quem já sentiu tanto nojo, acuado, com a urina descendo fartamente pelas pernas e sente pena, porque sabe o que acontecerá.

– Profes...

Bruna é incapaz de terminar a palavra, a pata da criatura, com garras que parecem laminas, voa em direção ao rosto de Sérgio. Sangue lava o chão da sala enquanto um lado da mandíbula de Sérgio se solta e ela pende próxima ao pescoço, junto a um de seus olhos.

Os gritos dos alunos se tornam urros histéricos e sem sentido. Todos ali abandonaram a razão e se debatem descontroladamente tentando passar pelas portas lacradas, lutando para saírem, lutando por sobrevivência. Aquilo chama a atenção e a fúria do que há instantes fora Felipe. Ele bate com uma das patas negras e de unhas disformes na mesa central. Mesmo feita de metal ela é levantada como se nada pesasse. O cadáver, que estava sobre ela, voa como um boneco de madeira seca em direção aos alunos. Muitos caem de joelhos quando o corpo se choca contra uma parede, se desmembrando violentamente. Alguns correm para os lados, como podem.

O brilho intermitente das lambadas fluorescentes é interrompido bruscamente por um pobre desgraçado que atinge o interruptor enquanto tenta escapar. A sala mergulha na escuridão que só é suavizada pelo luar. Um dos colegas de Bruna, provavelmente o mais atlético da sala, corre próximo a criatura, talvez tentando passar por ela para chegar às janelas que ficam do lado oposto da sala. Saltar do terceiro andar com certeza é melhor do que enfrentar aquilo.

A garra do monstro se move novamente com uma velocidade sobrenatural, acertando o abdome daquele aluno que, com as mãos na altura do ferimento, cai de joelhos enquanto tenta segurar tripas que vão ao chão, juntando-se aos órgãos que seriam usados nos estudos desta noite. Tudo está espalhado pelo caos que se tornou o laboratório.

Bruna se arrasta pelo chão banhado de sangue, tentando chegar às janelas. Pergunta-se por que não consegue ficar de pé ou mover as pernas. Implora a Deus. Implora repetidamente em nome de sua filha. Oferecendo o que possa querer Deus, só para deixar aquele pesadelo para trás. Atrás dela, gritos e um rosnar macabro, o

som de carne sendo rasgada e peças metálicas do laboratório se espalhando. Ela balbucia, implorando para que parem com o barulho que fazem na quadra, pois assim, poderiam escutar o desespero dos poucos que ainda estão vivos. Arrasta-se com mais força. Pensa que a janela é alta. Mas tem que tentar. Enxerga a Lua. Muito grande. Amarelada. Cheia?

Uma dor gelada e como nunca sentiu toma toda sua perna direita. Olha para trás e vê demônio lhe segurando. As garras dilaceraram seu tornozelo. A bocarra salivante se aproxima. Os olhos amarelos. Uma fera bípede, de tamanho desproporcional, mas ainda sim com algo de muito humano.

Bruna desvia os olhos, a sala parece girar, sangue em todas as paredes. Pedacos dos corpos de seus colegas jogados por todos os cantos. Cena pior do que as de acidentes de carro que Bruna, numa curiosidade mórbida, gostava de receber e compartilhar com os amigos em mensagens de telefone.

Amigos, família, sua filha... Bruna não quer dar adeus a tudo. Implora pela mão de Deus. Recebe a mão de um lobisomem lhe rasgando a garganta e uma mandíbula que se fecha, destruindo seu rosto.

JEFERSON

21 horas e 36 minutos

Jeferson traga profundamente o cigarro mentolado e solta fumaça em direção à Lua. Arrepende-se logo em seguida, como se fosse desrespeito ou algo assim. Deixou de prestar atenção nas reclamações de Dário, a voz do amigo é tão irritante quanto à gritaria vinda da quadra logo após o muro onde estão encostados.

Saiu de casa disposto a voltar com pelo menos uma bolsa. Agora está por quase uma hora no matagal e Dário o culpa por não terem agarrado nenhuma das chances.

Jeferson escuta alguns gritos mais agitados que o normal que parecem de desespero, perdidos entre os demais. Fica mais alerta. O coração aperta um pouco e, confuso, olha para Dário que não parece perceber.

O barulho de vidro se despedaçando chama atenção de ambos.

Jefferson vê um pouco à frente, na altura do terceiro e último andar do prédio após os muros, um vulto indo ao chão junto a estilhaços da janela. O baque seco, de algo pesado caindo muito perto, lhe traz o mal estar de volta. Dário se movimenta em direção ao barulho, adentrando mais no matagal.

– Não!

Jeferson grita segurando o braço do companheiro.

– Tá chapando? – Dário o olha confuso.

– Corre!

– É o que?

Jeferson não espera, torce para que o amigo o acompanhe, mas não espera. Ele corre em direção à rua, precisa sair do matagal, salta sobre galhos e mato alto, sem olhar para trás. Ganha a rua e não para de correr até chegar ao meio dela.

Uma buzina e um farol alto lhe confundem. Jeferson fica imóvel, como um coelho cego pela luz, enquanto o carro desvia por pouco. É xingado algumas vezes, mas não se importa. Vê Dário também assustado deixando às sombras das árvores.

O companheiro se aproxima, atravessando a rua.

– Hoje tu tá noiado mesmo, né? – Dário olha pra trás procurando um motivo por terem corrido, sem acreditar na cena de Jeferson. – Que porra foi essa?

Jeferson respira ofegante. Tem alguma coisa ali. Não quer saber o que é. Quer ir para longe. Começa a andar apressado em direção ao morro, sua casa. Aperta a correntinha dourada entre os dedos, pedindo perdão sem entender direito o porquê.

# QUINTA-FEIRA

## LUA CONVEXA



FELIPE

18 horas e 06 minutos

O anoitecer vem lento, graças ao verão. Felipe observa a garrafa de uísque, roubada da estante do pai, sobre a escrivaninha de seu quarto. Quase vazia. Motivo mais que suficiente para seu velho se enfurecer. Isso o deixaria aterrorizado em qualquer dia, menos hoje. Hoje isso realmente não importa. Quando seu pai o encontrar, não fará a menor diferença.

Felipe pensou em deixar um bilhete, uma tentativa de se explicar pelo menos para a família, mas como? Por onde começar? Com certeza, não quer ser lembrado pelo que fez ontem. Não quer ser odiado por aquilo.

Havia acordado de madrugada, já perto do amanhecer, de frente para uma casa de madeira muito velha, deitado de bruços ao lado de um galinheiro destruído, com pedaços de aves mortas pelo chão e moscas por todo o lado. Felipe despertou com um gosto amargo e ferroso na boca. Ele se lembrou de quase tudo. Preso dentro de uma besta que dilacerou os colegas de classe. Que matou um professor arrancando metade de seu rosto. Que saboreou por último a garota que lhe causava um formigamento bom na nuca ao se aproximar, que havia lhe dado uma ereção apenas por sorrir. Achava o rosto de Bruna tão bonito. E o rasgou a dentadas.

Levantou-se do chão arenoso daquele quintal humilde e caminhou, percebendo que estava completamente nu, até a porta escancarada da casa. Encontrou os restos de uma idosa. O que sobrou do corpo frágil estava espalhado pela cozinha.

Depois de vomitar, como nunca antes, foi até o varal da casa e apanhou uma bermuda jeans e uma camiseta. Eram grandes, mas suficientes para que caminhasse até sua casa sem chamar tanta atenção, mesmo que descalço e imundo. Andou por uma longa rua de terra até alcançar a avenida. Descobriu que estava perto dos mangues da cidade. Imaginou o que faria se algum carro de polícia o encontrasse, segurando as roupas para que não caíssem. Não aconteceu. Cruzou algumas pessoas de bicicletas e motoqueiros que o olhavam apenas uma vez e seguiam. Devem ter imaginado ser mais um drogado pelas madrugadas de Guarujá. Evitou como pôde as ruas próximas à universidade.

Felipe chegou à sua casa antes das cinco.

Por sorte não levou as chaves para aula, do contrário, elas estariam junto ao resto de suas roupas no chão do laboratório. Tem o costume de deixá-las na portaria do pequeno prédio. O porteiro estranhou seu estado, mas o deixou subir livre de perguntas. Por mais sorte ainda, seus pais estavam dormindo.

Felipe não voltou a dormir. Faltou à escola de desenho onde dava aula para um grupo de alunos esforçados. Não deu satisfações. Não atendeu os telefonemas de casa e de qualquer jeito, havia perdido o celular.

As notícias começaram a chegar como uma avalanche nos grupos formados por alunos na internet, e nos perfis pessoais. Felipe acompanhou tudo pelo computador. Respondeu apenas mensagens do seu pai, que lhe perguntou se já sabia do massacre na universidade e se conhecia os alunos mortos que, com dificuldade, ainda estavam sendo reconhecidos. Felipe disse apenas que estava abalado demais. Que precisava ficar só.

Gabriel, um de seus poucos amigos que também estudava na universidade, lhe chamava insistentemente por mensagens na internet. Sabia que a turma de alunos que fora atacada era a sua. Felipe podia ter contado o que aconteceu ao amigo e também o que precedeu isso tudo, mas não teve coragem. Não é a primeira vez que esconde coisas de Gabriel. Apenas respondeu que estava bem.

Felipe não poderia estar pior. Quanto tempo até as autoridades encontrarem seu celular dentro da mochila no laboratório? Quanto tempo até descobrirem que ele entrou naquela aula como todos os outros, mas que foi o único a sair?

As notícias que se espalham são confusas. Acreditam que uma onça entrou e saiu pelas janelas do laboratório, que fica ao lado do matagal. São raras, mas já foram vistas por ali, disseram alguns especialistas. Entre os alunos e funcionários da universidade, corre o boato de que a sala foi lacrada por fora, com correntes.

Felipe sabe que acabarão descobrindo. Boa parte dos alunos mortos já deve ter sido identificada. Logo um policial irá procurá-lo em posse de seus pertences.

Passou o dia inteiro no quarto, bebendo, chorando e agora a noite se chegou. Não pode permitir que aconteça de novo. Sente os mesmo arrepios e enjôos que precederam a desgraça da noite passada. Não faz idéia de como isso foi acontecer. Foi a primeira vez. E a última.

Felipe dá o último gole na garrafa de uísque do pai. Os olhos derrubam lágrimas sem cessar. O desenhista, que queria estudar artes, mas ingressou na faculdade de fisioterapia por desejo da família, sobe na cadeira giratória com rodinhas do quarto. Com dificuldade mantém o equilíbrio. Alcança a corda pendurada no gancho preso ao teto, que antes sustentava seu saco de boxe.

O quarto está escuro, a única luz fraca e azulada vem da tela do computador, onde muitas mensagens não respondidas dividem espaço com a página que ensina como fazer o nó ideal.

Com o pescoço envolto pela corda, Felipe faz a cadeira correr com o impulso das pernas. Assim que seu corpo cai e a pressão da corda parece querer separar sua cabeça do resto, ele se arrepende. Seus músculos sofrem espasmos violentos

enquanto ele tenta levar as mãos ao pescoço e se livrar. Implora para que não morra. Implora por mais uma noite como uma besta se for preciso, mas não quer que acabe. Os pensamentos explodem, lhe bombardeando com muitos momentos que viveu. Chama por seu pai, repetidas vezes, mesmo que a voz não consiga sair da garganta pressionada. Então tudo começa a se acalmar.

O corpo de Felipe pendula pelo quarto. Seus pais o encontrarão mais tarde e imaginarão que o filho ficou abalado demais com o massacre da universidade. O pai não se importará com a garrafa vazia de uísque.

As aulas da universidade estão suspensas. As fitas amarelas à frente dos portões, afastam os civis e dividem espaço com flores e velas. Alguns poucos policiais, bombeiros e agentes de outros setores públicos andam para lá e para cá, sem aparentar saber o que fazem.

A padaria ao lado da universidade nunca esteve tão cheia. Alunos de diferentes cursos da instituição ocupam todas as mesas disponíveis e, ainda sim, a maioria deles está de pé pelas calçadas e por parte da rua. Alguns choram abraçados a outros e alguns lamentam sozinhos pelos cantos. Muitos já estão bêbados por demais.

Um deles, erguendo uma cadeira, diz que vai até o matagal dar cabo, ele mesmo, da maldita onça. Como se o monstro de *Frankstein* estivesse escondido em um velho moinho naquele mato, esperando camponeses furiosos com tochas e forcados. Colegas o controlam com gritos exagerados.

O luto é geral. Dizer, no entanto, que a maioria que adere ao luto é sincera, seria mentira. As vítimas são, quase todas, calouros, com poucos ou nenhum amigo de fato por ali. Grande parte do choro “inconsolável” ou dos brados de indignação, assim como a própria reunião, são motivos para estar diante de olhares. E o olhar das pessoas parece ser o que mais importa neste lugar. David, o jovem que segura uma cadeira ameaçando caçar sozinho a suposta onça, por exemplo, tenta impressionar uma colega que vem lhe dando atenção desde o começo da noite. Ele sequer conhece qualquer um dos mortos, mas quer a garota mais nova com as pernas entrelaçadas em sua cintura antes que a noite termine. Valéria, aluna de direito que tem orgulho de ser a mais famosa da faculdade, graças às redes sociais, postou tantas fotos quanto pôde, com palavras como “luto” escritas no rosto de traços orientais. Seus muitos seguidores têm como exercício de concentração, observar as fotos da garota, com os olhos lacrimejados de um choro forçado, sem se prender nos seios que tomam metade da imagem.

Para Gabriel, aquilo é um grande circo. O rapaz observa a tudo com as costas escoradas no poste frente à padaria. Apesar de não gostar das pessoas que ali estão, veio por causa de Isabela e permanece apenas por ela.

Os olhos esverdeados da garota lhe prendem a atenção, como uma lâmpada atraindo um inseto. Gabriel repete, em sua mente, que deve prestar atenção no que ela diz, sem exhibir uma cara de bobo desconcertado. Não faz idéia se está conseguindo. Quando ela se movimenta tirando os cabelos negros do rosto, ele ajeita os óculos, disfarçando o olhar involuntário que varre todo o corpo da amiga.

Gabriel pousou seus olhos sobre Isabela no início do semestre passado, mas demorou até a metade do mesmo para conseguir puxar assunto. Ele a viu com um exemplar do livro *Cujo* de Stephen King nas mãos em uma aula de terça-feira. Na mesma noite, quando chegou casa, baixou o livro em formato digital e passou a madrugada inteira o lendo para, na aula da noite seguinte, puxar assunto com Isabela. Deu certo. Passaram o intervalo discutindo sobre o livro na cantina.

Talvez tenha sido a primeira vez que os colegas lhe viram conversando a sós com uma garota. Foi a chance de calar os imbecis que lhe chamam de torto entre risadinhas de deboche.

Teve poucas oportunidades com Isabela fora dos muros da universidade e não aproveitou nenhuma. Quando ela mencionou que deveriam estar presentes hoje, aceitou de pronto. Chegou a chamar Felipe. Mas, o amigo, que já vem lhe tratando de forma estranha há algum tempo, primeiro lhe dispensou e depois parou de responder. Na verdade, nem poderia, já que o corpo de Felipe ainda pende no teto de seu quarto, com o rosto inchado e as calças úmidas, resultado dos últimos segundos de desespero, enquanto tentava se salvar de sua própria decisão. Mas Gabriel não sabe disso, assim como não se importa realmente com a ausência do amigo. Estando a sós com Isabela. Talvez tenha maiores chances assim.

Segue encantado pelas histórias da garota viajada que, antes de voltar ao Brasil e entrar para faculdade, morou por um semestre na Itália. A garota tão diferente das outras que ali estão. Que sabe conversar sobre literatura, cinema, política e qualquer outra coisa, que não seja sobre esportes ou artistas com pouco talento e muitos seguidores.

Conversam até serem interrompidos por algumas vozes, mais altas que as habituais. Thiago, um dos veteranos do curso de educação física, pede atenção enquanto ajuda Renan a subir em uma das cadeiras que estão na calçada.

– Boa noite! Se alguém aqui ainda não me conhece, prazer, sou o Renan do último ano de educação física e aluno representante do curso. Quero agradecer a todos pela presença. Gratidão mesmo. Precisamos estar juntos num momento desses, galera. Todo mundo aqui tá sentindo muito, eu tenho certeza, pela perda dos nossos irmãos e irmãs da facul.

Os alunos se aproximam de Renan, ficando mais unidos, meio que espremidos ao redor do narrador. Gabriel recua alguns passos em direção à rua, para evitar outras pisadas em seus pés. Isabela o acompanha.

– Tenho certeza que isso tudo é pra falar do luau deles. – Isabela diz, assim que termina mais um gole de cerveja.

– É surreal – Gabriel responde. – Que amigos que ele tinha naquela turma? Que irmãos?

– Ele conhecia a tal da Bruna, com certeza.

– Ah, sim... Merda – Gabriel leva a mão à testa. Lembrei que o Felipe tava bem a fim dela.

– Falando nele, por que não veio com você?

– Era a classe dele, parece que não entrou na aula por pouco. Está bem mal, com certeza. E pelo jeito, aqui não é lugar pra quem está sentindo de verdade.

– Ei! –Isabela ameaça jogar o resto de cerveja em Gabriel. – Você só reclamou desde que chegou. Posso saber por que você veio, mesmo?

– E... Eu?

– Não. O outro Gabriel escondido aí atrás.

Gabriel sente seu rosto queimar. Sabe que está vermelho como um tomate. Sabe que mais uma vez vai recuar e se esconder. E sabe, principalmente, que está demorando demais pra responder e dar um basta nisso. Passou meses, suspirando pela garota dos seus sonhos que, provavelmente, também espera por uma atitude.

– Olha Isabela, eu só vim...

– Eu não disse? – Isabela o interrompe apontando em direção a Renan, que ainda discursa.

E sim, como a estudante previu, o discurso chega ao auge, abordando a importância de se realizar a festa dos calouros deste ano, o luau da faculdade.

– Uma coisa eu garanto – Renan faz uma pausa levando uma das mãos ao rosto e apertando o espaço entre os olhos, como que segurando um choro muito emocionado. – O que eles mais queriam era estar nesse luau com a gente. Isso eu sei. A Bruninha, minha melhor amiga na facul é uma das pessoas queridas que perdemos ontem. Antes de subir pra sala, a última pessoa com quem ela falou, fui eu. Sabiam disso? Ela me entregou o dinheiro do convite e disse: “Renan... não sei se poderei ir, porque minha filhinha não tá muito legal”. Eu respondi pra ela que, se ela não fosse, não teria graça, que era capaz até de eu não realizar a festa...

Renan faz nova pausa, desta vez conseguindo exibir lágrimas nos olhos. Então, continua:

– Ela me disse: “Renan! Esse luau é importante pra gente, pra todos nós. Se eu não puder ir, promete que mesmo assim vai acontecer!” Então, ela me deu um beijo no rosto e subiu.

Thiago começa a aplaudir fortemente, seguido pela maioria. Renan chora com uma das mãos cobrindo a face, até que olha para cima e inspira fundo antes de continuar:

– Então galera, pela Bruninha e por cada um dos amigos que nos deixaram tão cedo, vamos acender velas, cantar suas músicas preferidas e homenagear eles fazendo o melhor dos *luais* e com uma *vibe* muito positiva. Fechou?

Os aplausos se intensificam.

Gabriel balança a cabeça, inconformado.

– O plural é “luaus”, idiota. – Resmunga.

THIAGO

20 horas e 13 minutos

Thiago tem mais uma de suas piadas ignoradas no grupo de amigos. Ao contrário de Renan que, diga o que for, tem atenção dos demais, seja dos colegas do time, das garotas e principalmente de Renata.

– Né não, gordinho? – Pergunta um dos presentes.

Thiago apenas assente com a cabeça, em resposta para seja lá qual tenha sido a pergunta, enquanto toma um gole de sua cerveja. Não prestou atenção. Estava com os olhos sobre Renata, pensando em como chamar-lhe a atenção, até ser interrompido e tachado de “gordinho”. Por ele, podem ir todos pro inferno com essa de “gordinho”.

Thiago não entende. Usa as mesmas roupas que o capitão do time. As camisetas de times europeus e as bermudas de marcas caras. Também corta o cabelo no mesmo lugar e da mesma forma. Curto, bem alinhado, *na régua* como dizem. Mas, Renan sempre recebe os elogios, enquanto que para Thiago sobram as piadas. Quando um dos professores, reparando nos estilos parecidos, perguntou: “Quem tá imitando quem?”. Todos riram, mas foi Renata quem disse: “Pra ficarem iguais, só falta Renan ganhar uma pancinha”. Talvez o certo, seja mandar Renata pro inferno também, já que é mais uma que está atrás de Renan.

Thiago desvia os olhos do grupo de colegas e percebe Isabela e Gabriel vindo em sua direção. Não que os conheça pelos nomes de verdade. Costuma chamá-la de bruxinha ou Vandinha e a ele, sempre, de torto.

Ótima oportunidade.

– Olha só Renan! – Thiago soca o braço do amigo. – Teu sacrifício tá vindo.

– É sério que vocês estão nessa de sacrifício ainda? – Renata pergunta com expressão de asco.

É nítido que Renan perde a postura. Assim como é nítido que está correspondendo o interesse da belíssima Renata, mas Thiago sabe que conseguiu desestabilizar as coisas. Observa com prazer a expressão incrédula de Renata para Isabela. Mulheres que parecem opostas. As roupas escuras e a maquiagem pesada de Isabela, assim como o corte simples de cabelo, em nada lembram as roupas caras, a maquiagem delicada e os cachos bem cuidados, sempre em salões badalados, de Renata. Thiago se impressiona como até a cor de pele das duas contrasta. A palidez de Isabela torna difícil acreditar que more numa cidade litorânea. Já a pele negra de Renata, com o tom dourado pelos banhos de sol, faz jus às vezes que ganhou o concurso de beleza de verão na universidade.



- Eae, Renan? – Intima outro dos colegas. – É amanhã. Vai deixar passar?
- A mina ta com o tortinho. – Renan responde.
- Esse é o problema? – Thiago intromete-se. – Eu resolvo.

Isabela passa por trás de Thiago. Ele estica o braço à frente de Gabriel. O rapaz sobressalta e seus óculos quase caem.

Isabela fica confusa, mas, antes de tomar qualquer atitude, é amparada pelo sorriso largo de Renan, enquanto a mão do rapaz pousa em seu ombro.

- O que...? – Indaga Isabela.

Renan se inclina e, próximo do rosto da garota, lhe fala ao ouvido:

- Uma colega nossa ta querendo conhecer teu amigo. Isso te incomoda?
- Não... claro que não, somos só amigos mesmo.
- Então vamos buscar outra cerveja pra você?

Thiago empurra Gabriel em direção à Renata, sem força, mas com firmeza. Diverte-se observando o rapaz tímido gaguejando enquanto cumprimenta uma mulher realmente bonita.

Pelo olhar de Isabela, é fácil saber que ela percebe o plano de lhe afastar do amigo. O sorriso cheio de malícia de Renan parece deixar ainda mais claro. É apenas um joguete.

Em sua postura de dono da brincadeira, Thiago não se dá conta que isso não incomoda Isabela.

# ISABELA

20 horas e 43 minutos

A música sertaneja, tocando baixo no aparelho de som do carro, irrita Isabela cada vez mais. Ela observa Renan dirigindo e falando sem pausas, sempre sorrindo, com facilidade em se comunicar. Confiante, claramente à vontade. Tão diferente de Gabriel.

Isabela viu, há pouco, o amigo tímido sendo alvo das chacotas dos que estavam em volta, sendo empurrado para Renata. Talvez, por um segundo ou dois, Gabriel tenha gostado da atenção, tenha acreditado, mas não é burro. Ele percebeu logo que era só armação para afastá-lo e abrir caminho para Renan dar seu bote.

Isabela não sente remorso por Gabriel. Sabe que ele é totalmente atraído por ela, mas e daí? Não é responsável pelo rapaz e acha uma pena que ele não saiba impor-se, não saiba lutar pelo que quer. Já Renan...

Embora nada em Renan desperte realmente a admiração de Isabela, ela está aproveitando a ocasião. Gostou de ver Renata, aquele amontoado de soberba, com ciúmes ao lhe ver saindo da padaria com o organizador do luau.

Renan se ofereceu para deixá-la em casa, tomando o caminho mais longo possível.

Sozinhos no carro, conversaram rapidamente sobre viagens. Ele mostrou algum interesse pela estadia de Isabela na Itália, para em seguida, se gabar de suas idas à *Disney*. Isabela pensa que, pelo menos, não teve que conversar sobre os artistas da música sertaneja dos quais ele é fã.

– Mano, olha essa lua! – Renan aponta para o astro, que quase forma um círculo perfeito, enquanto dirige.

– Vai estar linda no seu luau de amanhã. – Isabela fala com um sorriso debochado, imaginando que esse será o próximo assunto.

– Nosso. – Corrige o rapaz. – O luau é nosso.

Ele diminui a velocidade do carro, chegando quase a parar, e olha para uma rua que vai em direção à praia.

– Quer ver uma coisa bem linda? – Renan pergunta.

Isabela o olha fixamente, em silêncio ao invés de responder. Ele corresponde o olhar sem qualquer receio. Diferente do que faz com outros rapazes, não consegue deixá-lo intimidado enquanto o encara com os olhos de um verde frio. Renan desce a visão, por um instante, para a boca de Isabela e retorna para seus olhos alargando o sorriso.

Sem uma resposta, Renan gira o volante do carro e toma a rua estreita em direção a praia.

– Não sei se esse mirante é assim tão lindo – Isabela ironiza assim que o carro para em uma área mais afastada, longe dos prédios e casas.

O lugar realmente não é bonito. Talvez tenha sido mais bem cuidado um dia, mas agora é um canto mais esquecido da cidade, com grama alta e bancos antigos de pedra .

Com o motor desligado o silêncio parece pesar no interior do veículo.

– Na verdade – Isabela diz, levantando uma das sobrancelhas como se matasse uma charada. – Não é nem um pouco lindo. Só deserto...

– Não se empolga, não. – Renan responde rindo, enquanto abre a porta. – Não sou fácil assim.

Isabela o acompanha, descendo do carro assim que Renan se escora à frente dele. Ela toma seu lado. O rapaz aponta para Lua, quase cheia.

– Não é bonita pra caralho?

– “Bonita pra caralho” – Isabela o imita. – Muito bem, poeta.

– Sério, Isa. Tá mais linda e mais cheia que ontem.

– “Isa”? – Isabela repete rindo. – Já somos íntimos?

Renan também ri, enquanto se aproxima de Isabela. Ela está quase sentada sobre o capô do veículo.

– Vai imitar tudo que eu digo e faço? – Renan fala com a voz baixa, exatamente à frente de Isabela. Suas pernas encostam-se enquanto o olhar de ambos se encontra fixamente, mais uma vez. O único som ao redor é o das ondas se chocando contra as pedras próximas ao mirante.

Isabela continua calada enquanto Renan apóia as mãos sobre o capô, uma à direita e outra à esquerda de seus quadris. O rapaz se inclina, aproximando o rosto e deixando sua boca perto demais.

– Vai? – Ele repete. Um instante antes de colar seus lábios ternamente nos dela.

Isabela ainda está de olhos fechados quando sente a boca de Renan se afastar. Ela os abre, para ver um sorriso provocativo e próximo. Ele espera, com seu porte sempre confiante. Isabela toca seu rosto com ambas as mãos e o puxa gentilmente.

Ela o beija. Levemente no começo, mas logo que sua boca se abre recebendo a língua de Renan, suas mãos e lábios aumentam a pressão. Ele se debruça, pesando sobre ela. O calor do motor, desligado há pouco, e o calor de Renan se misturam pelo corpo de Isabela. Ela entrelaça suas pernas na cintura do rapaz, que aumenta a intensidade do beijo. Isabela geme baixo, assim que as mãos de Renan

sobem pela lateral de sua coxa levantando o vestido preto. Isabela sente a boca de Renan se afastar novamente, buscando agora seu pescoço. Ela geme novamente e usa as pernas para deixá-lo ainda mais próximo. Uma das mãos de Renan já alcançou a lateral de sua calcinha, ele passa os dedos por dentro dela e a puxa para baixo. Isabela levanta o quadril para que Renan tire a peça com facilidade e move as pernas para ajudá-lo.

Isabela olha curiosa enquanto ele amassa sua roupa íntima entre os dedos e a coloca no bolso de trás da bermuda. Sempre sorrindo e a encarando.

Ela o puxa com força pela camiseta, que se estica, quase rasgando.

– Hei! – Ele protesta rindo.

Isabela entrelaça novamente as pernas na cintura de Renan e o beija com entusiasmo. Passa as mãos pelas costas largas do rapaz e morde seus lábios, não tão delicadamente quanto ele esperava.

– Calma...

No mesmo momento, Renan cessa o beijo, olhando pra trás, por sobre o ombro, em direção as pedras próximas ao mar.

– Escutou isso? – Ele pergunta preocupado. – Acho que tem alguém ali.

Ela apenas sorri, ignorando o batimento acelerado do coração de Renan, que manda uma vibração por todo seu corpo. As mãos de Isabela já deixaram as costas do rapaz e agora se empenham, com pressa, em abrir sua bermuda. Assim que consegue, move as pernas com força, fazendo a roupa de Renan descer até os joelhos.

– Calma, Isa. Deixa eu pegar um negócio no carro.

– Não! – Ele aperta ainda mais as coxas ao redor de Renan.

– Minhas camisinhas tão no porta luva, é só...

– Não! – Ela repete quase gritando.

Renan a encara realmente assustado. Não esperava por isso. Acreditava que a timidez de Isabela seria um problema. Mas não há timidez.

Ela sobe uma das mãos por entre as pernas de Renan e sorri, assim que sente a rigidez que esperava. O rapaz a olha incrédulo até que, num movimento brusco, ela o puxa para si, obrigando-o a penetrá-la.

– Caralho, Isa! Ta louca?

– Não gosta? – Ela pergunta o encarando e usando o movimento das próprias pernas para fazer com que ele a penetre seguidamente.

– Eu gosto! Mas calma!

– Calma? Não quer teu sacrifício?

Isabela gargalha. Gargalha em êxtase olhando para o rosto assustado de Renan. Atrás dele a Lua brilha tão bonita quanto poderosa. Poderosa como a

própria Isabela se sente. O capitão do time da educação física está enfim acuado. Onde está a pose confiante? Ele tenta se afastar, mas Isabela impede. Ela não se importa com mais nada ao redor. Ignora completamente o fato de que também escutou ruídos próximos e que, provavelmente há alguém ou alguma coisa ali. Não interessa. Que vejam. Com um novo tranco de suas penas, ela o obriga a deitar-se completamente sobre ela. Olha o disco lunar por inteiro agora, enquanto crava as unhas nas costas do amante.

– Para!

– Não! – Ela grita de volta. – Sacrifica tua cachorra!

Ele faz força para se desvencilhar e Isabela sente seu membro flácido lhe escapando. Ela gargalha novamente. Vai novamente ao êxtase com o medo de Renan. Da sua fragilidade. Por trás da pose, só outro tolo inseguro.

O rapaz se afasta, tropeçando nas próprias roupas e caindo.

Isabela também escorrega pelo capô do carro e se aproxima do chão, não por desequilíbrio, mas por se contrair em uma risada forte e genuína.

– Ta louca? Caralho! – Renan grita, já de pé enquanto se esforça pra fechar a bermuda.

– Ridículo. – Ela fala entre um e outro espasmo de riso.

– Ridículo? Eu? Sua doente do caralho!

Renan vai com pressa em direção ao carro. Escancara a porta com tamanha força que tropeça novamente.

– Vagabunda!

Ele grita antes de entrar.

Os faróis do carro se acendem contra Isabela e ela vê as rodas do veículo derrapando enquanto se afasta levantando areia.

Ela apenas sorri, começando a caminhar.

– Ridículo. – Repete baixo para si mesma.

THIAGO

20 horas e 46 minutos

– Não chega tão perto, não!

Thiago se agacha um pouco no banco ao lado da motorista e fica imediatamente sem jeito ao notar Renata, com as mãos no volante, olhando com reprovação. Ela tem razão, qual o sentido de tentar se esconder?

O carro de Renan está logo à frente e acabou de diminuir a velocidade. Thiago convenceu Renata a seguir o amigo e Isabela. Isso o deixa animado por dois motivos. Primeiro: é uma chance de ficar sozinho com Renata. Segundo: quando ela flagrar Renan com a garota estranha, de certo irá perder o encanto.

Assim que o carro de Renan toma uma rua estreita em direção à praia, Thiago fica ainda mais agitado.

– Ali, ali! Vai levar ela pro mesmo mirante onde sacrificou a Bruna! Que filho da puta!

– Sêrio Thiago? – Renata o olha com desaprovação. – Nem enterraram a menina ainda.

– Ae! – Ele continua, ignorando as críticas. – Se tu parar na rua ao lado, dá pra gente chegar perto indo a pé pela areia, sem que nos vejam.

– Você está de brincadeira comigo?

– Porra! Da pra gente gravar e o caralho!

– Eu não acredito que aceitei isso.

– Para de ser chatinha, Re.

– Não é chatinha, gordinho. É que não estamos na quinta série não, sabia?

Thiago franze o cenho, encarando-a com um incômodo que não pode disfarçar. De novo essa história de “gordinho”.

– Qual o problema, Thiago?

– Eu não tenho problema nenhum. Tu que está cheia de ciúminho aí.

– Agora você tá de brincadeira, né? Eu com ciúmes? Do Renan? Ainda mais com a esquisitinha?

– Fala a verdade, Re. Tu tá na dele, igualzinho uma pá de mina da faculdade. Logo tu. Maior gata, inteligente pra caralho. Pensei que era diferente.

– Ah é? Diferente tipo como? Do tipo que fica na sua?

– E qual o problema? Eu sou menos que ele por acaso?

Renata ri. Uma risada que invade os ouvidos de Thiago fazendo seu rosto inteiro queimar. Para piorar a risada segue aumentando o tom.

– Relaxa, gordinho...

– GORDINHO O CARALHO! – Thiago explode.

Renata recua o tronco para o lado contrário do carro, assustada por um momento.

– Você tá maluco, moleque? Sai! – Ela fala de modo firme, com o dedo em riste para porta do passageiro.

Thiago a encara com um misto de raiva e arrependimento que borbulha em seu estomago. “Mande-a para o inferno” é o que ele escuta do próprio orgulho, mas nada diz, apenas abre a porta do carro e sai.

Ao invés de bater a porta, como tem vontade, ele a fecha com calma, pensando em talvez se desculpar. Mas não há tempo. Renata arranca bruscamente com o veículo.

Thiago está só, em uma parte menos movimentada da cidade e próximo à praia. Um pouco mais à frente, vê o carro de Renan, ainda com as luzes acesas parado no mirante. Pensa que nem tudo está perdido.

Thiago controla o riso para não fazer barulho. Valeu a pena se arrastar pela areia e se aproximar das pedras, molhando as roupas com os respingos de água salgada, só para gravar isso. Valeu a pena até ter discutido com a Renata. Thiago mal acredita que está capturando a tudo com seu celular. Isabela praticamente violentando Renan. O amigo caindo de calças arriadas no chão, depois de ter brochado. Isso não teria como ser melhor.

Isabela gargalha e Thiago apenas se esforça para não fazer o mesmo. Seu coração está disparado, não pode esperar pela hora de jogar o vídeo nos grupos, mas pensa em esperar um pouco. Vai deixar Renan contar sua versão da história antes de acabar com a pose do amigo e mostrar a verdade. Este vídeo vai lhe tornar o herói do luau de amanhã e Renan será a piada. Ele imagina a cara da Renata.

Ainda escondido, observa o carro de Renan saindo do lugar, o amigo está apressado para se livrar da humilhação. Isabela cruza os braços e anda na mesma direção. Thiago imagina que terá de fazer o mesmo.

Rindo sozinho, segue na direção oposta, pela areia da praia, iluminada apenas pelo luar. Faz o caminho de volta enquanto pensa que deve ser pior para Isabela que sequer está de calcinha.

Thiago caminha por uma rua de terra enquanto olha para os casarões do bairro, desta que é uma das praias menos movimentadas da cidade. Sabe que Renata mora em alguma delas, mas não sabe qual. Nunca foi convidado para as festas de piscina. Pensa que não devia ter gritado com a colega, mas não irá se desculpar

– Metida pra caralho. – Fala para si enquanto chuta uma pedra.

Um latido alto ecoa vindo de uma das casas bonitas. Em seguida outro latido de uma casa mais afastada. Então, parece que todos os cães do bairro resolvem discutir acaloradamente, alguma coisa importante na língua deles.

– Ótimo, seus arrombados. – Diz enquanto chuta outra pedra.

Thiago vira-se num sobressalto. Algo grande e muito rápido passa correndo por detrás dele.

Por impulso, guarda o celular que estava em sua mão, colocando no bolso da bermuda, embora duvide que tenha sido um ladrão. Está numa encruzilhada escura, o lugar tem poucos postes e os casarões têm os muros muito altos, o que impede que a luz deles chegue às ruas.

– Mas que merda...?

Os cachorros estão ainda mais agitados, latidos e uivos por todos os lados. Barulho de correntes se arrastando fazem Thiago imaginar que um dos desgraçados possa ter se soltado.

O barulho de algo correndo chega novamente aos seus ouvidos. Ele olha em volta, demorando demais para perceber que, seja lá o que for, não se movimenta pelo chão de terra.

Enfim, olha em direção aos muros altos, a tempo de ver um vulto sumir na escuridão.

Suas pernas bambeiam. Só pode ser um cão. Tem quase certeza que viu um cão. Rápido e grande demais. Um cão grande pra caralho que fugiu de uma dessas casas de rico. Pensa se deve ou não correr. Sabe que pode ser besteira tentar correr de um cachorro, mas ficar parado é melhor?

Um rosnado único e forte parece vir de todos os lados, sobressaindo-se em meio aos latidos que, na verdade, desaparecem por completo. A noite mergulha num silêncio absoluto. Exceto por um grunhido demorado que faz o corpo trêmulo de Thiago começar a se mover antes mesmo que ele perceba.

– Merdamerdamerda... que merda

Thiago corre. Sem saber do que ou sequer para onde. O barulho pesado de patas atingindo o chão chega aos seus ouvidos e gela sua espinha.

– Porra é essa, caralho? SOCORRO!

Thiago berra a plenos pulmões. Sabe que boa parte dessas casas é de veraneio, que devem estar vazias, mas tem que ser acudido por um dos moradores ou caseiros. Nem que seja o irresponsável do dono do cachorro que o persegue.

Pergunta-se se é mesmo um cachorro. Tem que ser um cachorro. O que mais?

Perde completamente a força das pernas e para de correr ao escutar um rosnado do alto do muro ao seu lado. Arfa desesperado com uma pressão tão forte



no peito que imagina que este irá arrebentar. Seus olhos seguem confusos, subindo pelo muro e indo até a origem do rosnado.

Frente ao círculo quase perfeito e amarelado da Lua, de pé sobre as patas traseiras, ereto como um ser humano, a maior criatura que Thiago já viu.

Aquilo não é um cachorro.

As lágrimas escorrem quentes pelo rosto gelado e petrificado de Thiago ao mesmo tempo em que outro líquido quente molha suas calças.

O lobisomem salta sobre o rapaz imóvel.

Quando Thiago percebe que o monstro caiu ao seu lado, com um forte baque, e não sobre ele, isso lhe dá um fio de esperança. A esperança de que a coisa possa ter ido embora por já tê-lo aterrorizado o suficiente.

Um barulho asqueroso lhe alcança os ouvidos e, olhando para baixo, Thiago vê pedaços molengas de carne atingindo o chão junto de muito sangue. Leva a mão ao ventre e sente suas próprias tripas lhe escaparem.

Não tem forças para gritar novamente. Sente o gosto amargo na boca e, ao tentar respirar, apenas gorgoleja o sangue que sobe pela garganta. Thiago se lembra das notícias sobre os colegas mortos na noite anterior. Lembra dos boatos sobre jovens despedaçados, com os órgãos espalhados por toda a sala de anatomia. Imaginou que era tudo um exagero.

Agora, com o rosto colado ao chão, sobre seu próprio sangue, Thiago observa imóvel a imagem embaçada da criatura se aproximando. Só quer que acabe logo e que tudo se apague sem mais dor.

Nunca esteve tão enganado.

É arrastado por metros e metros, de bruços pelo chão. As garras da coisa estão cravadas em uma de suas pernas, com as unhas penetrando até o osso. O rosto de Thiago é dilacerado contra areia e pedras finas. Ele apaga e retorna a si repetidas vezes. Pergunta-se o porquê de não morrer logo.

Thiago retoma a consciência em um lugar completamente escuro. Uma vala em algum canto mais afastado do bairro. Duas esferas amarelas se aproximam, rasgando as trevas. Os olhos da Besta o fitam com prazer estampado. Há alguma coisa ali. Alguma coisa humana e até familiar. Algo na forma de olhar.

A bocarra do monstro se escancara e Thiago tem certeza de que um sorriso se forma. Ele conhece aquela coisa. Ele sabe quem é. Mas não importa.

Tudo se apaga de uma vez por todas, assim que sente o focinho da besta afundando em suas entranhas.

# SEXTA-FEIRA

## LUA CHEIA

GABRIEL

20 horas e 2 minutos

Em uma rua próxima à universidade de Guarujá, logo abaixo de um poste de luz que falha seguidamente, Gabriel desce do carro, batendo a porta com força.

– Não precisa descontar no carro da sua mãe, mocinho. – A voz de Isabela chega com certa ternura aos ouvidos do rapaz, que a observa sair do veículo. Ela carrega em suas mãos finas, duas garrafas grandes de vinho barato.

Gabriel passou a noite de ontem remoendo ciúme por ela e rancor por Renan. Ainda pior, sentido o mais sincero desprezo por si mesmo. Prometeu, enquanto olhava para tela do computador e excluía muitos conhecidos de seu perfil pessoal, que manteria distância de Isabela. Porém, logo pela manhã, com a notícia que recebeu, isso perdeu toda a importância.

Foi a mãe de Gabriel que lhe contou sobre a morte de Felipe, encontrado pelo pai, pendurado numa corda no teto do próprio quarto.

Gabriel chorou por todo o dia. Em muito, pelo remorso de não ter insistido mais para que o amigo lhe acompanhasse no encontro de ontem à noite. Chorou também por saber que Isabela foi sua prioridade no momento em que Felipe, sofria pela perda dos colegas de classe. Gabriel chorou só, em seu quarto, até que a única pessoa que parece realmente se importar chegou. Isabela.

O rancor da noite passada desapareceu por inteiro quando Isabela entrou, pela primeira vez, em sua casa e o abraçou forte e demoradamente. Gabriel nunca havia ficado tão próximo dela. Descansou a cabeça no colo da amiga, que tanto deseja, por boa parte da tarde, recebendo afagos em seus cabelos encaracolados, enquanto assistiam a episódios de séries tolas.

Gabriel fantasiou aquela aproximação tantas e tantas vezes e enfim a teve no momento em que mais precisou. Não teve coragem de tocar no assunto sobre o desgosto que teve, por conta dela, na última noite.

Quando Isabela sugeriu que saíssem para uma volta pela cidade, onde poderiam comprar bebidas e brindar à memória do amigo perdido, Gabriel não só aceitou, como achou a idéia ótima. Sua mãe, comovida com a dor do filho, não negou o pedido para emprestar o carro.

Quando saíram do mercado e Isabela perguntou aonde ele gostaria de ir para darem um fim a todo aquele vinho, Gabriel encheu o peito e respondeu com convicção: “Quero ir até a porra da faculdade”. A amiga apenas consentiu.

Agora, lado a lado, ambos observam as flores, as velas e as fotos que ocupam os portões do campus universitário. Gabriel tira uma folha de papel dobrada do

bolso de trás da bermuda larga. Isabela se aproxima curiosa para ver, impressa na página, uma foto tirada no último semestre. Nela, Felipe, Gabriel e Isabela sorriem abraçados.

– Gosto dessa foto. – Isabela fala pousando a mão no ombro do amigo.

Gabriel leva a fotografia até o muro e a ajeita em meio a outras tantas, perto das faixas de isolamento que ainda estão pelo lugar. O rapaz se dá conta de que, no entanto, não há nenhum policial ou outra autoridade presente. Depois de vasculharem tudo por duas noites, sem nada encontrar, simplesmente se foram.

– Devíamos ter trazido velas? – Ele rompe o silêncio.

– Acho que trouxemos coisa melhor. – Isabela responde com um sorriso enquanto ergue as garrafas.

A risada de Gabriel, provavelmente a primeira de hoje, vem acompanhada de uma tosse forte. Uma das garrafas jaz vazia no meio fio e a segunda se encaminha para o mesmo destino.

– Quem usa um saca-rolha de chaveiro?

– Uma bêbada preparada! – Isabela responde rindo e ajeitando os cabelos que lhe caem nos olhos.

Gabriel sorve mais um gole, direto do gargalo. Assim que fecha os olhos, sentindo o líquido doce por demais incomodar a garganta, sua imaginação lhe entrega o corpo de Felipe balançado pelo quarto bagunçado onde estudaram juntos muitas vezes. Força mais um gole. E outro.

– Hei!

A voz de Isabela é ignorada. Ainda de olhos fechados, ele imagina uma onça, como a maioria cogita ter sido a responsável, invadindo o laboratório e despedaçando todos os alunos, um após o outro. Gabriel não entende. Que porra de história é essa? Isso não faz sentido. Uma onça não faria isso. Nada que ele conhece faria algo assim. Nada deste mundo. Mais um gole.

– Porra Gabriel! – Desta vez a voz de Isabela vem acompanhada de suas mãos tomando a garrafa para si.

Gabriel abre os olhos, mantendo a cabeça inclinada, na mesma posição em que bebia e vê a Lua. O astro, hoje, desenha um círculo perfeito no céu de poucas nuvens.

– Isabela... O que acha que os matou ali dentro?

– Todos estão falando de uma onça... – ela responde depois de uma pausa.

– Não.

– Não?

– Não, Isabela. Onça nenhuma ia fazer isso. Não daquele jeito.

– E o que você... – Isabela para, enfim percebendo como o amigo encara a Lua. – Tá brincando, né?

Gabriel ao invés de responder, segue sério, se lembrado de muitas histórias, como àquelas que sua família, vinda do interior, sempre contava. Como nos filmes que gostava de assistir com o pai, quando ele ainda estava vivo. Como leu em um dos livros do autor preferido de Isabela.

– Olha... – A amiga continua, meio sem jeito. – Não combina com você acreditar nessas coisas.

Gabriel está confuso. Mesmo de olhos abertos, é atormentado pela imagem clara de Felipe se debatendo com uma corda que lhe sufoca. E não é só isso, sua imaginação lhe traz cenas onde alunos são dilacerados dentro do laboratório. Por fim, tem a visão do corpo bonito de Bruna sendo desmembrado por alguma coisa. Gabriel desenha a coisa em sua mente. Não vê uma onça, mas sim, algo sobre duas patas e com olhos que ardem como brasas.

– Você está me preocupando.

De novo a voz de Isabela. Ele se vira e percebe que o rosto dela está mais próximo. Pode admirar os olhos de sua amada, tão intimidantes quanto a Lua. E sua boca...

Gabriel avança, colando seus lábios aos dela.

– Hei. – Isabela se afasta. – Calma aí, cara.

O rapaz não se move. Vê-se numa posição ridícula, com o pescoço esticado para frente, tentando alcançar alguém muito longe. Sempre esteve longe. Ridículo. Novamente e como nunca deixou de ser, ridículo. Gabriel imagina que devia ser ele pendendo em uma corda. Quem liga pro torto? Ele achou que Isabela está próxima por amor? É claro que ela está com pena.

– Calma? – Ele finalmente quebra o silêncio.

– É. Calma. Não é assim que funciona.

– Merda... Eu devia ter perguntado pro Renan como é que funciona então, não é?

– Ok. Já deu, é melhor nós irmos – Isabela começa a levantar. – Rolou muito vinho aqui, é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, vamos devagar.

– O Renan foi devagar dentro de você ontem?

Gabriel sente-se bem por um instante. Por um instante sente o alívio de colocar pra fora pelo menos uma das coisas que tem guardado. Mas, um instante apenas. Assim que Isabela lhe dá as costas e começa a se afastar, o arrependimento lhe toma.

– Isabela?

Ela o ignora e passos largos a levam para longe.

– Que merda... – Gabriel murmura antes de correr.

Suas costas já doem enquanto corre por apenas alguns metros pela frente do matagal. Pensa que, pelo menos, ela vai em direção ao carro. Talvez deixe que a leve para casa. Assim ele pode se explicar no caminho. Explicar todo sentimento que vem guardando. O porquê de todo ciúme.

Porém, ruídos altos e inesperados vindos da vegetação ao lado, que agora se agita violentamente como que uma onda se aproximando, obrigam Gabriel e Isabela a pararem. Algo deixa a escuridão e se coloca velozmente entre os dois amigos.

# DÁRIO

20 horas e 41 minutos

Desta vez, Dário fez questão de ficar à frente de Jeferson, já que o companheiro anda com a cabeça em outro mundo. Medo da Lua, medo de cachorro morto, medo de santo e de sabe-se lá mais o que. Dário reclamou muito por Jeferson ter dado um chilique no meio do mato há duas noites. Porém, quando a universidade foi interditada e começou a se espalhar por ali uma história de onças atacando alunos, foi à vez de Dário escutar. Mas, por mais que Jeferson tenha razão sobre algo de errado ter acontecido naquela noite, em momento algum pareceu preocupado com onças, mas sim, com coisas do além.

Apesar de tudo, Dário admite que é melhor não se queixar tanto. Afinal, conseguiu trazer Jeferson de volta ao mesmo matagal, por um ótimo motivo.

Ambos completaram a maioria há poucos meses e, na opinião de Dário, estão bem atrasados em seus caminhos. Quando começaram a se envolver com os traficantes de sua comunidade, ainda adolescentes, Dário acreditava que numa altura destas, já teriam respeito e moral suficientes para que não precisassem se arrastar no meio do mato, durante a noite, nesse calor dos infernos. O criminoso repete para si que, desta vez, valerá a pena.

Chegou aos ouvidos de Dário, há menos de uma hora, que dois dos assaltantes de casas de maior respeito dentro da comunidade, precisam de um carro esta noite, para usar nos roubos de um bairro da cidade vizinha. Dário correu até a casa de Jeferson e explicou sobre como teriam a moral que sempre quiseram se conseguissem o carro.

Logo depois, estavam descendo o morro e atravessando a pista em direção às ruas mais calmas do lugar, para encontrar um alvo. Dário não planejou arrombar um carro e simplesmente levá-lo. Não funciona assim. O dono logo buscaria socorro junto à polícia ou entraria em contato com a seguradora e, assim, o carro roubado se tornaria um veículo procurado e inútil para entrar sem suspeitas em bairros residenciais. Por isso, Dário e Jeferson teriam que levar o carro e o motorista. Já acompanharam golpes assim algumas vezes, o motorista fica em cativeiro, se tiver alguns bens pertences melhor ainda, enquanto o carro é usado nos assaltos. Quando tudo termina, motorista e carro são abandonados em algum lugar e a vida segue. Sem problemas. Não é difícil. Dário sabe que eles conseguem.

Para ajudar, assim que colocaram os pés no asfalto e avistaram o prédio da universidade, viram um casal de jovens, indo em direção a um carro popular parado numa rua lateral. Só pode ser o carro deles.

Sem a menor idéia do horror que os espera, quando a Lua estiver só um pouco mais plena, os criminosos imaginam que isso é mesmo muita sorte.

Dário bateu no ombro do parceiro e correu. Precisavam apenas atravessar pelo matagal e alcançar o casal antes que chegassem ao carro. Jeferson não teve tempo para protestar, teve que acompanhar a corrida. Agora, Dário vai à frente, tentando controlar a respiração. O revólver calibre trinta e oito já deixou a cintura e está firme em sua mão. Ele escuta Jeferson logo atrás. Foca na garota vestida por inteiro de preto e no rapaz de óculos. Segurando a tensão, para não cometer erros, avança pelos poucos metros que faltam para deixar o matagal.

A vegetação se agita bruscamente, o casal se assusta e para. São pegos de surpresa quando Dário deixa as sombras num salto, se posicionando exatamente entre as duas vítimas e apontando o revólver para a cabeça da garota. Os olhos verdes se arregalam desesperados.

– Abre a porra do carro, caralho! Vai! – Dário dá alguns passos em direção à Isabela, quase lhe encostando o revólver no rosto.

– Não... não ta comigo – Ela responde com os olhos marejados.

Dário olha por cima do ombro e vê Jeferson, logo atrás, segurando a réplica de uma pistola, apontada para Gabriel. O rapaz tem as mãos acima da cabeça, tão ou até mais assustado que a garota. Não sabe que a arma é falsa e isso não importa. A sua é de verdade.

– Vai, quatro olhos filho da puta! – Dário grita com a voz rouca e falhada. – Cadê a chave?

– Tá no meu bolso...

– Entrega logo se não eu atiro na cabeça da tua mina, seu arrombado!

Gabriel, de forma atrapalhada, leva as mãos trêmulas ao bolso da bermuda, o chaveiro de sua mãe parece não querer sair, ele o puxa quase deixando cair e o aponta para frente, sem coragem de se aproximar. É Jeferson que o apanha.

– Vão pro carro os dois! – Dário grita, sempre agressivo, olhando para todos os lados. Ninguém por perto. Chegou a ter medo de que, pelo ocorrido na universidade, ainda houvesse policiais rondando a todo instante.

Jeferson destranca o carro usando o controle da chave e vai em direção à porta do motorista.

– Entra! – Dário grita para as vítimas enquanto escancara uma das portas traseiras.

– Leva o carro deixa a gente ir – Isabela suplica. – Não temos nada.

– Entra caralho! – Dário chega a sorrir, ao ver que o rapaz de óculos está pálido e sem qualquer reação. A garota, apesar de ainda tentar argumentar, também



está sob suas ordens. Ela entra, repetindo protestos quase inaudíveis, jogando-se no banco de trás.

Dário sorri de novo enquanto passa as mãos pelos cabelos curtos e descoloridos. É ele quem manda e gosta demais disso, para falar a verdade. Faz questão de empurrar o rapaz com a mão livre para vê-lo cair atrapalhado ao lado da namoradinha.

Já sentado no banco do motorista, Jeferson aponta a pistola falsa para o casal, para que Dário de a volta e ocupe o assento ao seu lado.

– Vai, vai! Bora! – Dário apressa o parceiro, posicionando-se para deixar os dois no banco de trás sob sua mira.

– E vocês... Abaixados! Não quero ninguém olhando pra fora! Tendeu? Se eu vir um olhando pra fora, eu mato os dois!

Ambos obedecem. E como não obedeceriam? Dário sorri orgulhoso para Jeferson, que se concentra no caminho.

O carro sobe pelas ruas do morro.

Tochas acesas no topo de bastões fincados na areia da praia, bandeirolas, pranchas de surfe, mesas cheias de frutas e uma fogueira grande rodeada por outras menores. Sobre uma toalha branca estendida na areia, com velas ao redor, estão porta-retratos com fotos dos estudantes que se foram.

Renata tem que admitir. Este é o luau mais bonito que já tiveram. A idéia de homenagem e despedida sentimental, atraiu ainda mais gente. A música eletrônica que toca em volume alto nas caixas de som, faz com que, no mínimo, duzentos jovens de diversos cursos da universidade dançam empolgados pelo espaço de areia. Ela imagina que muitos ainda estão por chegar.

Conseguiram até apoio de um quiosque para usar sua eletricidade. Renan está de parabéns.

A lua cheia joga sua luz amarelada por toda praia, vencendo a iluminação das tochas e fogueiras. Posicionada bem acima do mar escuro, ela transforma a água em uma mera coadjuvante que está ali somente para exibir seu reflexo. A brisa fresca e com cheiro de sal faz sua parte, afastando o excesso de calor.

Segurando um copo de vodca, cheio de frutas esmagadas e coloridas, Renata observa as fotos dos que estão mortos. Não reconhece a maioria ali. Conversou algumas vezes com Bruna, de quem não gostou. Zombava junto às amigas, dizendo que Bruna era uma oferenda sem fim para os luaus, pois sempre voltava para ser sacrificada mais uma vez. Perdeu as contas das vezes que a chamou de vagabunda ou até pior.

Dizer que Renata está realmente arrependida é exagero. Mas está realmente triste pela tragédia. Inclusive, algo que lhe parecia impossível aconteceu e as coisas pioraram desde ontem. Descobriram que outro aluno havia partido. Um tal de Felipe tirou a própria vida em seu quarto, usando uma corda. Renata imagina que não tenha aguentado a despedida tão pesada. Talvez sofresse de depressão ou ansiedade.

Ela não faz idéia de que foi Felipe quem estraçalhou cada um dos rostos naquelas molduras coloridas. Também não faz idéia de que um horror ainda maior está prestes a começar e que ela será uma das principais envolvidas.

Como o protagonista da comemoração, Renan se destaca, recebendo cumprimentos e brindes. A camisa de botões abertos e com estampa florida e os colares pendurados em volta do pescoço, além da pele bronzeada, realmente deixam Renan com ares de um anfitrião havaiano, da forma mais clichê possível.

Renata espera atenta que ele olhe em sua direção. Assim ele o faz, ela lhe acena. Simulando uma expressão triste e, ao mesmo tempo, manhosa, ela lhe mostra o copo quase vazio.

A garota sorri satisfeita enquanto Renan, com pressa, vai em direção à mesa de bebidas, para lhe apanhar outra dose. Ela sabe que, apesar de ser o maior conquistador da universidade, Renan ainda é só mais um cara. E ela não se lembra de caras deixando de fazer suas vontades. Ela tem a convicção de que é e sempre foi muito bonita e usa isso a seu favor com maestria. Coloca-se num patamar acima de mulheres como Bruna e considera que seus joguetes são baseados na elegância e não na vulgaridade.

Enquanto Renan se aproxima trazendo a bebida, Renata ajeita o vestido branco que fez questão de comprar para a festa de hoje. O vestido caro que a encantou por lhe valorizar cada parte do corpo e deixar sua pele em total evidência.

– Convidada minha não fica de copo vazio – aí está o sorriso bonito de Renan.

– Que eu lembre paguei pelo convite – Renata responde com uma piscadela.

– Mas quem te cobrou foi o Thiago, eu não faria isso.

– Aliás, Renan... Cadê ele, heim?

– Esse gordo preguiçoso não deu uma mão na arrumação. Sumiu o dia todo. Vai estar muito fodido quando chegar. Isso eu te prometo.

Renata se lembra de como Thiago fora agressivo na noite passada quando ela o chamou de gordo. Não vai comentar nada com Renan, não quer que descubra que ela concordou em segui-lo. Ele pode pensar que fora por ciúmes daquela gótica ridícula. Embora esteja realmente curiosa em saber como terminou a noite para o inesperado casal, ela não dará o braço a torcer perguntando agora. Prefere esperar que Thiago chegue para saber.

Claro, Renata também não sabe que restos do corpo de Thiago estão enfiados em uma vala de um bairro próximo. Não sabe que, provavelmente, só o encontrarão quando o fedor insuportável de sua decomposição atingir as casas próximas, incomodando seus abastados moradores. Ou quando os urubus começarem a chamar a atenção por sua insistência. Talvez, as autoridades ainda demorem em reconhecer o corpo de estômago rasgado e órgãos espalhados, infestado de moscas, já que está destruído quase que por inteiro.

– Quer ficar legal? – Renan pergunta aproximando-se.

– Eu estou legal – Renata responde sem entender direito.

– To falando “legal” de verdade – Renan faz um gesto com uma das mãos, como se estivesse colocando um comprimido imaginário sobre a própria língua.

– Não está cedo? – Ela pergunta interessada.

Renan não responde. Ao invés disso apanha o pulso de Renata com delicadeza e a puxa na direção contrária do maior aglomerado pessoas.

– Posso saber onde o senhor está me conduzindo? – Renata pergunta fingindo apreensão, embora que, por um momento, realmente se preocupe com o calor anormal que a mão de Renan lhe transmite ao redor do pulso.

– Eu deixei tudo ali, escondido nas pedras – ele responde antes de tossir com força.

Renata se distrai mais uma vez com a temperatura de Renan, antes de olhar para trás e perceber que muitos dos presentes, ao longe, sorriem em sua direção. Com certeza, não é uma imagem das mais respeitadas ser puxada por Renan em direção às pedras afastadas. E com certeza, as piadas sobre os sacrifícios de virgens já começaram. Mal sabem os demais que, apesar da forma ridícula com que levam essa brincadeira, até faria algum sentido. Renata considera que, sem dúvidas, ela seria um tipo de sacrifício mais condizente do que a vulgar Bruna, que Deus a tenha, ou do que a ridícula Isabela. Porém, ninguém ali sabe do segredo que guarda. Nem Renan. Talvez, se ele soubesse, o interesse que tem por ela dobraria de tamanho. Mas, por mais atraente que o considere, ela sabe o quanto Renan gosta de contar vantagens e espalhar conquistas. Renata imagina o quanto iria valer para ele e para os colegas imaturos, saber que ela, uma das mais desejadas da universidade, a *Miss Verão* de dois anos seguidos, nunca se deitou com alguém.

Soltando o pulso de Renata, o organizador do luau se agacha por entre as pedras, como que procurando algo, mas uma tosse forte lhe escapa e faz com que engasgue. Renata repara que ele está suando muito, a cor bronzeada do amigo parece se esvaír dando lugar a uma repentina palidez. Dá-se conta de que ele esteve muito agitado desde o começo da conversa.

– Renan... você já tomou alguma coisa?

– Ainda não... – ele se vira, segurando um pequeno envelope transparente com alguns comprimidos coloridos. – Mas meu plano é resolver isso agora.

Renata vê o suor escorrer por todo o rosto do rapaz. As mãos trêmulas fazem as pílulas chocalharem no envelope.

– Você tem certeza que tá bem, cara?

– Tô ótimo! – Renan mente, sente-se estranho desde o início da noite. – Só um calor danado... Deve ser por ficar arrumando as coisas embaixo do sol.

– Acho que não é uma boa idéia você tomar essas balinhas agora.

Renan tenta responder, mas tosse novamente. Com mais força. Renata observa assustada enquanto o amigo larga o envelope e leva as mãos ao peito. Seus joelhos, sem forças, se dobram e ele cai.

– Renan? – Ela se aproxima assustada, pisando em comprimidos que afundam na areia.

Renata estica a mão, preocupada e tentando ajudar, mas recua assim que um estalido, algo como um pedaço seco de madeira sendo partida se faz escutar vindo das costas de Renan. Ela recua apavorada.

# ISABELA

21 horas e 23 minutos

A voz rouca e falha de Dário, tentando impor liderança como um general ou algo do tipo, irrita Isabela. As tentativas de Jeferson de explicar tudo a todo o momento, deixando claro que é só não fazerem besteiras que as coisas acabarão bem, irritam por igual. A cara embasbacada e os beijos trêmulos de Gabriel também não ficam atrás.

Isabela está sentada numa cadeira velha. Os pulsos presos por voltas e voltas de fita adesiva. Os calcanhares na mesma situação. Logo à frente, sentando no chão e com as costas escoradas numa parede sem reboco, Gabriel está preso da mesma forma.

Estão numa construção inacabada. Pelo mato alto por todos os lados, está abandonada há um bom tempo. Tiveram que descer do carro e andar alguns minutos por um caminho de terra úmida e pedras finas até chegarem. Não olharam para os lados durante o trajeto. Os gritos de Dário para que ficassem de cabeça baixa eram incessantes e beiravam a histeria.

Revistaram-lhes mais de uma vez para procurar telefones ou outros aparelhos. Tomaram suas carteiras quase vazias e a correntinha prateada de Gabriel.

Isabela descobriu, pelas conversas, os nomes de seus sequestradores e o motivo de tudo. Compreendeu que Dário não mandava em nada naquela comunidade. Só tentava bajular os bandidos, que tinham autoridade de verdade, prestando favores. Bandidos que resolveram aproveitar e usar o carro da mãe de Gabriel, sabe-se lá para que. Isabela se divertiu um pouco quando, mesmo depois de muitos protestos, não quiseram levar Dário com eles. Ao invés disso, o deixaram junto a Jeferson, guardando seus reféns, feito duas babás.

Isabela se volta para Gabriel. Ele respira com dificuldade e tosse repetidas vezes, enquanto aparenta estar suando frio. Ela imagina que o amigo esteja no início de um ataque de pânico ou talvez tenha asma. Não seria surpresa no meio de tantas fragilidades que carrega.

Não há qualquer tipo de luz artificial por perto. Nem de postes e nem de casas próximas. A única claridade que chega até eles, vem da lua cheia que se mostra por entre as telhas que faltam no teto do lugar.

– E como você imagina que foi? – Isabela rompe o silêncio, pegando o amigo de surpresa, que olha preocupado em direção aos sequestradores, que debatem um tanto distraídos do lado de fora, bem próximos à porta.

– O que...? – Gabriel pergunta sussurrando.

– Enquanto bebíamos, você me disse que não foi uma onça que acabou com eles. Pensava em monstros que aparecem quando a Lua está daquele jeito – Isabela é obrigada a levantar as duas mãos, unidas pela fita adesiva, para conseguir apontar em direção ao céu. – Eu entendi o que você insinuava. Agora, quero saber como essa cabecinha imagina que tudo aconteceu.

Gabriel não responde. Apenas olha para Isabela. Com olhos vidrados e boca aberta. Parece incrédulo pela calma repentina da amiga.

– Quem você acha que é? – Ela continua.

– Quem acho que é o que? – Gabriel pergunta sussurrando, esticando o pescoço para olhar para os dois na porta.

– Quem é a porra do lobisomem que você imagina que matou todo mundo naquela merda de faculdade! – Isabela, perdendo a paciência, fala em tom mais alto.

– Aí mina! – A voz de Dário explode do lado de fora. – Fica quieta, porra!

Isabela sorri para Gabriel sem olhar na direção da porta. Ela observa o amigo em posição frágil com certo prazer. Sabe que ele está se borrando de medo de tomar um tiro daqueles dois lá fora, além de estar torcendo muito para que ela não os provoque.

– Eles não vão fazer nada, Gabriel – agora ela fala num tom mais baixo, tranquilo, enquanto inclina o corpo para frente. – Eles são dois merdinhas.

– Isabela, para por fav...

– Por que você é tão covarde? – Isabela sorri de forma cruel. – Meses e meses, Gabriel. Meses me olhando feito à porra de um cachorro babão. Odiando cada um que teve a coragem que você não teve. Odiando o Renan. Se achando mais nobre que ele, mais merecedor. Você quer a mesma coisa que ele no fim das contas.

– Não... – Gabriel murmura antes de tossir fortemente – eu gosto de você, nunca quis usar você.

– Usar? – Isabela ri, fazendo Gabriel olhar para fora, novamente preocupado. – Eu não sou usada por moleque nenhum. Mas eu usei cada um deles. Pode acreditar que usei.

Uma sombra passa pela Lua, deixando todo lugar ainda mais escuro.

– Quer saber o que aconteceu na noite de ontem? – Isabela sorri novamente, observando Gabriel balançar a cabeça em negação. – Renan e eu fodemos. Ou, melhor ainda, eu fodi ele. Pelo menos até ele fugir, correndo assustado, feito uma ovelhinha com medo do lobo.

– Eu te prometo que vai acabar tudo bem, Isabela – Gabriel murmura. Sua voz quase inaudível tenta transmitir uma coragem que não existe. – É só você ficar

calma...

– Não vai acabar bem pra ninguém, seu torto idiota – Isabela interrompe. – Nada acabou bem essa semana, acabou? Acabou bem para o Felipe? Aliás, deixa te contar porque ele se pendurou na merda de uma corda. Não foi pela dor de perder os colegas ou por causa da inútil da Bruna. Ele se pendurou lá por remorso. Porque foi ele quem estripou todo mundo naquela merda de lugar.

– Você ta completamente maluca...

– Acha que o seu amiguinho não faria isso? Ou que ele te contaria alguma coisa? Ele, por acaso, te contou como eu e ele transamos por uma tarde inteirinha no quarto dele? No mesmo quarto onde ele se pendurou?

O corpo inteiro de Gabriel se estremece, no momento em que as nuvens parecem sumir do céu, deixando que o luar ilumine todo o cômodo precário.

– Quer saber? – Isabela continua. – Na noite da tragédia, enquanto eu tirava correntes da mochila e lacrava as portas do laboratório, eu me perguntei se realmente é minha doença que me faz agir assim?

– Sua doença? – Gabriel balbucia enquanto as lágrimas caem fartas, deslizando pelo rosto apavorado.

– Claro que eu não podia ficar por ali, pensando nisso por mais tempo – Isabela ignora a dúvida do amigo, ela o observa da mesma forma que um lobo faz, instantes antes de acabar com a vida de uma presa encurralada. – Eu tive que fugir antes da matança começar, para o mais longe que pude. Apesar de eu conseguir controlar isso, por mais tempo do que o pobre Felipe conseguiu em sua primeira e última transformação naquele laboratório. A criatura sempre vence e sempre aparece.

Para Isabela, o cômodo inteiro se torna claro como o dia. Seus olhos e garganta ardem, como acontece toda vez em que a Lua está maior. Ultimamente, ela tem conseguido controlar astosses insuportáveis que costumavam preceder a transformação. Da mesma forma que consegue segurar até o último momento antes de deixar a besta sair. Mas, pela cara horrorizada de Gabriel e pela clareza com que enxerga as coisas à sua frente, ela sabe que seus olhos já brilham no mesmo tom amarelo do luar.

Quando se transformou pela primeira vez, Isabela também acordou desesperada e com desejos de dar fim à própria vida, como Felipe. Faz exatos dez meses, enquanto ainda estava na casa dos tios na Itália e pouco antes de completar dezoito anos. Graças aos parentes, descobriu que carrega em seu sangue uma doença. Como disseram os tios dramáticos: Uma maldição de família, que surge para alguns. Ela foi uma dos sortudos.



Por vezes, enfrentou a doença trancada, se debatendo em celeiros reforçados. Em outras, teve a permissão de correr com suas patas de besta, destruindo animais da região rural do país europeu.

Meses depois, desobedeceu a ordens e apelos de sua família e retornou ao Brasil. Sem ajuda ou orientação, logo descobriu que a doença é traiçoeira e que o lobo ataca tanto a mente quanto o corpo. Isabela foi cada vez mais tomada pela loucura. Mesmo durante o dia, o lobisomem lhe vem à mente e sussurra formas de espalhar sua desgraça.

Isabela cansou de se trancar ou se dopar para controlar a transformação. O desprezo pelos colegas da universidade, com suas vidas fúteis e patéticas, foi a última gota para que a loucura transbordasse.

Isabela teve que se controlar para colocar seus planos em prática. Despedaçar Thiago, lentamente, foi sua recompensa. O covarde do Felipe, por outro lado, se divertiu muito por uma noite, antes de jogar fora o presente que ela lhe deu.

Agora, a jovem amaldiçoada passa a língua afunilada e gotejante pelos lábios já enrijecidos e com textura de couro. Sente os ossos se alongarem enquanto os músculos emitem estalidos. Ela controla a transformação para que venha lenta. O sangue corre mais quente, rugindo. É como segurar um orgasmo inevitável por alguns instantes, antes de deixá-lo explodir junto aos urros de êxtase.

– Olha pelo lado bom – a voz de Isabela soa muito mais grave. – Você odeia tanto aquelas pessoas e aquele luau. Eu dei um jeito de acabar com ele.

– Com...como?

– Isto aqui dentro de mim. É facilmente transmissível.

– Socorro... – Abafada pelo choro, a voz de Gabriel escapa sem força.

– Não quer mais me beijar, Gabriel? – A voz sequer é humana, está muito mais para um rugido.

# RENATA

21 horas e 26 minutos

O barulho insuportável dos ossos de Renan se retorcendo e tomando novas formas, enquanto seus músculos sofrem espasmos violentíssimos, inunda a cabeça de Renata e afoga sua razão. Ela observa atônita enquanto o amigo se debate pela areia e emite grunhidos sem sentido. A voz do amigo muda de timbre numa velocidade sobrenatural. Renata não consegue ajudar, nem correr ou sequer se mover. Apenas se apóia nas pedras da praia para continuar de pé.

Quando os primeiros colegas se aproximam, com passos apressados que arranham a areia, e enfim passam por ela indo em direção a Renan, ela só consegue balbuciar meias palavras, pedindo para que o acudam.

Um rapaz do time de futebol, cujo nome Renata não se recorda, é o primeiro a tocar Renan tentando ajudá-lo a se levantar. Ele se arrepende e grita de dor, assim que uma das mãos de Renan, com dedos alongados e enegrecidos, envolve seu antebraço como se realmente buscasse por salvação.

O rapaz esperneia, tentando se desvencilhar do que, agora, parece uma pata coberta de pelos. Sua carne é rasgada por garras amareladas, enquanto jatos de sangue tingem a areia clara de vermelho.

Uma gritaria ensurdecadora se espalha. Renata sabe que precisa correr. A bocarra da criatura que antes fora Renan, se fecha em volta do rosto do pobre rapaz que só queria ajudar. O som do crânio se rachando e o jato de sangue quente lavando parte do vestido branco de Renata, são suficientes para que ela junte forças e corra.

Renata não olha para trás enquanto aproxima-se de um grupo de colegas, confusos e curiosos. Eles ainda não entenderam. Talvez não enxerguem com clareza por conta das pedras estarem longe das luzes das tochas e fogueiras. Assim que passa por eles, os gritos se intensificam. Um uivo monstruoso ecoa pela praia evocando um temor ancestral que parece espremer o coração de Renata. O ruído gutural é o bastante para tirar a coragem dos curiosos. Mesmo os que estão mais distantes começam a correr na direção contrária.

Gritos de desespero e o som de carne sendo destruída atrás de Renata fazem com que ela, já ofegante, olhe por sobre os ombros.

Dois corpos estão caídos e afundados em uma areia vermelha e lamacenta. A criatura saída de pesadelos está sobre uma terceira vítima que, aos berros, implora por ajuda, até ser calada por uma investida da boca descomunal que dilacera sua garganta.

Renata tropeça, seus joelhos ardem em atrito com os grãos finos e cortantes de areia. Ela grita, com intenção de conseguir ajuda, mas nada que tenha sentido lhe escapa por entre os lábios. Com a certeza de que ninguém ali se importa o suficiente para se arriscar a ajudá-la, lhe resta levantar e voltar correr.

Renata atenta-se à escadaria rústica de madeira que liga a areia ao calçadão que fica de frente para praia. Uma dúzia de jovens se acotovela tentando subir ao mesmo tempo. Empurrando uns ao outros num estado bruto de pânico. Ela só consegue imaginar que está acontecendo de novo. A mesma coisa que aconteceu dentro do laboratório da universidade. Aos soluços, tem certeza de que logo serão as fotos dela em porta-retratos baratos e rodeados de velas. Receberá as homenagens e o choro falso de amigos mais falsos ainda.

Escuta outro colega tendo o corpo destroçado, agora muito próximo.

Ela força suas pernas além do limite, tentando vencer, o quanto antes, os poucos metros que faltam para os degraus de madeira. Como se a escadaria fosse a ponte que separa pesadelo e mundo real. Como se pudesse acordar a salvo. Como se isso pudesse acabar bem de alguma forma.

O som das garras pesadas indo contra a areia. Os estrondos de duas e às vezes quatro patas poderosas golpeando o chão, deixam claro que ninguém pode fugir da criatura. Renata tem certeza de que acabou. Ela fecha os olhos. E então, seu corpo atinge fortemente alguém que corria logo à frente.

Renata rola pela areia, com as pernas entrelaçadas às de outra pessoa. Assim que se recupera do baque que lhe expulsou o ar dos pulmões, reconhece o rosto bonito de Valéria, mesmo com o rosto manchado de negro e com a maquiagem arruinada por lágrimas. Irônico que, justo sua rival de popularidade, a colega que tem o maior número de seguidores em perfis na internet, seja a responsável por colocar o último prego em seu caixão.

– Me ajuda... – Valéria implora entre soluços, tentando segurar Renata pelo pulso. – Pelo amor de Deus, me ajud...

Um rosnado longo e furioso invade os ouvidos de Renata, fazendo toda sua cabeça vibrar. Ela olha para cima, para encontrar a maior criatura que já viu. Um demônio com quase o dobro do tamanho e largura de um homem comum. Do focinho que se assemelha ao de um cão deformado, escorre por entre as presas, uma espuma vermelha, que carrega pedaços de pele e carne dos mortos. Seu fedor é nauseante.

Renata quer fugir, mais do que qualquer coisa que já quis um dia. Quer ter mais uma chance para viver. Mas sabe que não pode. Além de estar por baixo de Valéria, que permanece imóvel num estado de choque. O monstro está bem à sua frente. Basta que desça uma das garras para tudo acabar.

Ela fecha os olhos. Implora para que não sofra como devem ter sofrido os colegas que estão nos retratos.

Sente o corpo de Valéria sumir de cima do seu em um único e brusco movimento. Todo o peso desaparece. Chega a sentir a pequena mão da colega tentando se segurar ao seu vestido, mas os dedos escorregam pelo tecido molhado.

Renata abre os olhos e vê Valéria sendo erguida, com toda a lateral de seu corpo abocanhada, entre os dentes da fera. É como se ela fosse só uma boneca.

O monstro segura um dos braços de sua presa e joga a cabeça para trás, puxando e separando o membro do resto do corpo. O som da pele sendo rasgada é insuportável.

Valéria, em seus últimos instantes de vida, se debate violentamente e isso parece enfurecer o enfurecer ainda mais. Ele começa a chacoalhar a cabeça de um lado para o outro, como um cão esforçando-se para vencer a disputa contra alguém que segura um pedaço de pano.

Renata acredita que isso pode distraí-lo por alguns instantes, que irão definir se ela sobreviverá ou se tornará mais um cadáver esfaqueado na areia da praia. Suas pernas, felizmente, estão mais rápidas que seus pensamentos e a colocam de pé para que corra.

Alcançando os degraus de madeira, Renata sente toda a escadaria sacudindo, sua estrutura está enfraquecida pela correria de todos que a usaram para escapar. Mais à frente, os colegas se espalham pelas ruas, confusos, correndo sem direção certa. Assim que seus pés tocam o calçamento, Renata se atreve a olhar novamente para trás. O que restou do corpo desmembrado de Valéria é só uma massa disforme espalhada na praia. Os olhos amarelos e luminosos da besta focam diretamente nos de Renata.

Não bastou alcançar a escadaria. O pesadelo ainda está ali e começa a investir em sua direção.

Renata encontra, do outro lado da rua, o prédio mais próximo e volta a correr. O coração parece bater contra o peito, tentando também fugir. A garganta arde seca.

A gritaria se prolifera por todos os lados, vinda não só dos alunos que se espalham, mas também de pessoas que passam por perto ou assistem das janelas, em prédios que dão de frente para praia.

Renata alcança o portão vazado de alumínio, espremendo o corpo contra ele, como se pudesse passar por entre as barras. É possível ver alguém dentro da guarita, quase toda feita de vidro, que fica próxima ao portão.

– Abre! – Renata grita, sentindo a voz falhando como se a garganta fosse se partir. – Abre essa porra!

Ela se vira em direção à praia. Os olhos da besta já brilham na altura do calçadão, procurando em todas as direções. A criatura tem muitas opções de presas para perseguir. Mas é em Renata que decide focar.

– Abre, por favor... – Ela murmura, chorando enquanto as pernas querem desistir de apoiá-la.

Um estalo no portão. Ele começa a deslizar para o lado, chegando a machucar as mãos de Renata que o seguravam com firmeza.

A garota começa a se espremer pelo vão que se abre, tentando passar antes mesmo de ter o espaço o suficiente, arranhando suas costas e machucando seu couro cabeludo até conseguir se lançar para dentro. Sem uma pausa sequer durante a fuga, corre em direção ao pequeno saguão do lugar. Ignora os gritos do porteiro que lhe manda parar. Imagina que logo ele gritará por sua vida. Seria ótimo se a besta lhe esquecesse e se contentasse com a merda do porteiro.

Sabe que não está segura, mas talvez tenha uma chance real se alcançar os elevadores. O desgraçado a pegaria facilmente se fosse pelas escadas, mas não é possível que saiba usar um elevador.

Assim que adentra o saguão, um dos tapetes escorrega sob seus pés pelo piso muito liso. Renata cai e sente o cheiro forte de cera. Levanta-se amaldiçoando, quem quer que seja, por ter usado tanto produto naquele chão. Apoiando-se nas portas fechadas do elevador, começa a apertar os botões, repetidas vezes. No mesmo momento, escuta barulho de metal sendo destruído do lado de fora.

A criatura entrou. O estrondo do portão de alumínio caindo, arranca um gemido desesperado de Renata. O som das patas do demônio voltou.

O elevador não chega ao andar térreo. A única esperança é uma porta ao lado que, provavelmente, dá acesso às escadarias. Renata a escancara e confirma, mas tem que escolher rápido se sobe em direção aos apartamentos ou se desse para o que imagina ser o estacionamento do subsolo. O uivo do monstro faz com que ela se lance para baixo.

Renata chega à garagem extensa e com muitos carros. O sensor de presença faz com que luzes fluorescentes iluminem tudo. Ela percebe que está mancando enquanto corre por entre os veículos. Sem pensar mais, se atira de bruços ao chão, e rasteja para baixo do carro mais próximo. Um rosnado ecoa pela garagem no mesmo instante.

Tomada pelo mais primitivo dos pavores e sem espaço para se mexer, Renata leva as mãos à boca tentando conter o choro e até a respiração. A criatura está ali e parou de fazer ruídos. A criatura que antes era Renan. Como isso é possível?

Renata escuta um barulho de sirene. Polícia!

Eles estão lá fora. Uma lufada de esperança invade seu peito. Se aguentar só mais um pouco estará salva. Voltará para sua casa e poderá abraçar seus pais. Terá uma chance de recomeçar, de ser uma pessoa melhor.

Um rosnado longo se faz ouvir. Tão próximo e alto que o carro sob o qual Renata se abriga, parece tremer.

A estudante de fisioterapia cola o rosto ao chão, tapando os ouvidos e murmurando. Implora a Deus pela chance de viver mais um dia. Quando sente as garras envolverem seu tornozelo, entende que Deus não está na garagem.

O monstro puxa Renata com violência. Ela sente o vestido branco e ensopado de sangue se rasgar, enquanto sua barriga é esfolada contra o chão áspero. Tenta travar as pontas dos dedos no chão e impedir que a criatura lhe tire de baixo do carro, mas suas unhas se despedaçam causando uma dor insuportável.

Fora do abrigo que o veículo lhe dava, Renata permanece de bruços no chão, de olhos fechados e com um último fio fé, de que isso tudo não passe de um pesadelo.

Sente o peso da pata da criatura em suas costas. Suas vértebras comecem a estalar. Não pode respirar. Saliva espessa e com cheiro de morte começa a gotejar em seu rosto. Renata sente as costelas se partindo e um dos pulmões explodindo.

A última coisa que escuta antes de morrer é um rosnado próximo à nuca.

DÁRIO

21 horas e 23 minutos

– Aí mina! Fica quieta, porra.

Dário está irritado e excitado. A mente eufórica. Em muito, pelo pó que colocou nariz adentro. Está farto da ladainha medrosa de Jeferson que chega lerda e tediosa aos seus ouvidos. Coisas sobre santos, premonições e castigos. Para Dário, Jeferson pode ir para o inferno com todos os seus santos. Não é justo estar ali de babá. Foi ele quem tomou a iniciativa, convenceu Jeferson e desceu o morro para conseguir um carro para o assalto. Tinha certeza de que iria junto para invadir casas de um bairro chique. Mas não. Dário nem se lembra de ter recebido algum tipo de agradecimento. Na verdade, fora repreendido por ter feito tudo tão perto da universidade que, nos últimos dias, tem estado no foco das notícias. Além de ter escutado uma dezena de vezes para não fazer nenhuma besteira com os reféns. Não é justo.

Dário mantém o revólver em sua mão enquanto olha para dentro do cômodo inacabado. A garota lhe ignora, mantendo um olhar desafiador para o rapaz amarrado à sua frente.

Dário xinga em pensamentos enquanto morde o lábio inferior. Não fossem os “patrões” acima dele por ali, o quatro olhos já estaria com um balaço no meio da testa e a garota, com certeza, não estaria mais com essa cara de metida e superior. Dário apalpa o escroto por cima da bermuda. A seu ver, um trato na putinha é o suficiente para ela perder a pose. A garota amarrada lhe dá uma sensação de poder. Sente-se dono de alguém. Um alguém que anda pela cidade se achando melhor que pessoas como ele e Jeferson.

– Tu não tá nem escutando, Dário... – Jeferson protesta.

– Porra Jefinho, na moral, vontade de passar a rola nessa mina, isso sim.

– Se tu meter o louco, a gente se fode, Dário.

– Era pra eu ir ter ido junto nessa fita. Não é justo.

– E eu tava te contando um bagulho sério.

– Caralho, Jefinho –

Dário acha graça no jeito manso do parceiro. – Foda-se que tu matou um cachorro. Teu problema é que tu não tem coragem pra matar ninguém. Aí fica nessa, por causa de cachorro. E outra, heim? Eu já não ando com crente que é pra ninguém ficar querendo me converter. Agora tenho que aguentar esse papo de macumbeiro?

– Respeita. – Jeferson responde firme.

– Respeita o caralho – Dário o corta. – Deixa teu santo colar aqui, pra tu ver se eu não sento o dedo.

Dário ri de um jeito esganiçado, enquanto está sendo encarado. Não sabe se o amigo está preocupado ou lhe julgando. Talvez os dois. Provavelmente lhe condenando pelos olhos vidrados e pupilas dilatadas, já que sempre se incomoda quando há drogas envolvidas. Para Dário, Jefinho sempre se achou um cara superior. Talvez seja. Mas essa coisa de querer ser bom moço e ladrão? Isso não tem como. Frequentemente sente raiva de Jeferson, seja pela postura, pela forma de se portar e até pelo jeito de falar. Às vezes só pela aparência. Além de ser do tipo que as senhoras da comunidade gostam o suficiente para adotar como sobrinho, ainda é o preferido das mais novas.

A verdade é que Dário está cansado de restos. Andando ao lado de Jeferson, de certa forma, também é isso que lhe sobra. Sempre foi o patinho feio, o cara de feições esquisitas e corpo magro demais. Diferente do amigo, esse sim tem rosto e corpo bonitos.

– Tá viajando mesmo, Dário?

Dário percebe que morde os lábios olhando fixamente para Jeferson, percebe também que tem uma ereção muito mais rígida do que a de agora pouco, quando ainda observava a garota amarrada.

– Viajando o que? – Dário responde incomodado e desviando o olhar. – Se liga.

Uma agitação estranha lhe chama atenção para o cômodo dos reféns. Dário estica novamente o pescoço e, com a arma apontada, vê o rapaz de óculos com o semblante assustado.

– Qual foi, pau no cu? – Dário adentra o cômodo e só então percebe que a garota sofre espasmos violentos na cadeira.

– Caralho, Jefinho!

Jeferson passa correndo em direção à Isabela. Fica bem na frente de Dário que, confuso, abaixa o revólver aos resmungos. Quando Jeferson recua alguns passos, com um estranho gemido que parece ser de medo, Dário se irrita e puxa bruscamente o ombro do parceiro, tirando-o da frente.

– Qual foi, Jefinho?

Dário sente o corpo todo se enrijecer, a temperatura cai, como se estivesse transformando-se numa pedra de gelo, enquanto tudo ao redor parece perder as cores e desaparecer. O rapaz amarrado desaparece. Jeferson desaparece. O cômodo inteiro também. A única coisa que Dário consegue ver são duas esferas amarelas e incandescentes onde deveriam estar os olhos de uma garota.

Jeferson diz alguma coisa antes de fugir. Mas Dário não escuta. Ele não ouve nada além de um zumbido forte em sua cabeça. O corpo pequeno da menina parece crescer. As fitas que lhe prendem estão se rasgando. Dário não entende o porquê de



não conseguir se mover. Também não consegue entender o porquê do rosto da garota estar se alongando, deixando feições delicadas para trás e indo em direção à aparência de um grande cão de pelos negros. Ela puxa suas próprias roupas com mãos disformes de dedos alongados, rasgando-as com um sorriso monstruoso e prazeroso, como se isso a libertasse.

Dário dá ordens para suas próprias pernas. Ordena que elas o tirem dali. Ordena que suas mãos mirem o revólver naquela coisa e atirem. Mas nenhum centímetro de seu corpo obedece. Os ecos de um medo ancestral lhe tomam o peito. Esse medo diz para que não ouse atacar a criatura.

O rapaz amarrado se debatendo no chão, tenta fugir enquanto se contorce, como uma lesma desesperada por ter o corpo cheio de sal. Os óculos já caíram do rosto.

Dário se volta para a garota. Desviou o olhar por um instante apenas, o suficiente para um demônio ocupar seu lugar. No chão, restos de roupas, uma velha cadeira aos pedaços e fita adesiva prateada que brilha refletindo o luar.

Um pesadelo, metade cão e metade gente, avança diretamente sobre o rapaz no chão.

Dário desiste de ordenar e agora implora para que suas pernas o tirem dali, antes que o monstro termine com o pobre coitado ainda amarrado.

O sequestrador percebe que já fora da construção, tropeçando em seus próprios chinelos que escorregam demais sob os pés cheios de suor. A arma ameaça escapar, escorregando na mão, também suada. “Por que não atirei?”, pensa.

– Porque, caralho, não atirei? – Dário, desta vez deixa a voz sair.

Consegue ver Jeferson correndo mais à frente pela rua de terra. Estão num lugar afastado, no ponto mais alto do morro. As casas mais próximas parecem longe demais. As poucas luzes acesas que vêm dos barracos distantes são intimidadas pelo brilho da lua cheia.

– Lua cheia, caralho – Dário repete enquanto corre com a vista embaçada por lágrimas. – É um lobisomem. Meu Jesus me ajuda. É um lobisomem...

Jeferson derrapa de repente nos pedriscos finos. Dário vê o amigo mudando bruscamente de direção e correndo para direita, em direção à casa mais próxima. Dário faz o mesmo, deixa a rua e passa a correr pela grama alta, em diagonal. Acredita que chegará lá pouco depois de Jeferson. Implora novamente para Jesus Cristo. Implora para que tenha alguma piedade.

Dário não olha para trás, mas, escutando o som das patas da criatura vencendo terra e mato, tem uma visão perfeita em sua mente do que lhe persegue. Já correu de muitos cachorros na vida, o barulho parece o mesmo, mas a diferença são uns cem quilos a mais sobre as patas.

Enquanto Jeferson bate com a coronha da pistola falsa contra a porta da humilde casa, Dário entrega tudo de si para vencer a distância que falta. A criatura está logo atrás, ele consegue escutar o rosnado e sabe que, com um salto do monstro, tudo acabará.

O parceiro continua esmurrando a porta, como se fosse capaz de derrubá-la.

Ela se abre.

Jeferson força o corpo para dentro.

– Não fecha Jefinho! – Dário esperneia em desespero. – Não fecha pelo amor de Deus, caralho!

Jeferson segura a porta tempo suficiente para que Dário entre, ou melhor, se arremesse para dentro,

Enquanto tenta puxar ar suficiente para os pulmões, Dário acredita que apagou por um segundo ou dois. Percebe que está fazendo mira contra porta, jogado de costas, em um chão tão gelado quanto o suor que lhe escorre pelo rosto. Jeferson, agachado ao seu lado, aponta a patética arma falsa para mesma direção.

Dário olha em volta, rapidamente, procurando outras possíveis entradas na pequena casa que só tem dois cômodos visíveis. Duas Janelas. Uma à esquerda e outra nos fundos, perto da porta sanfonada de plástico que deve levar ao banheiro. Duas camas bem próximas ao fogão. Numa delas, uma mulher muito velha olha para os invasores, não tão surpresa quanto deveria. Dário imagina que não esteja muito bem da cabeça. Há ainda, um homem que, pela aparência, pode ser tanto filho quanto neto da mulher. Esse sim parece assustado o suficiente enquanto encara as armas. Foi ele quem os salvou abrindo a porta.

– Olha... – o homem fala erguendo as palmas das mãos. – Se for polícia que está atrás de vocês, eu...

– Cala a boca! – Dário interrompe murmurando.

– Cadê aquela coisa? – Jeferson pergunta, também aos sussurros.

– Fica quieto, Jefinho, porra! – Dário se esforça para manter a arma firme nas mãos fraquejantes. – Acho que passou direto...

A fala, sem convicção, que parece uma torcida fiel e tola, é interrompida. Um rosnado firme que, mesmo vindo de fora, ecoa pelo cômodo. Dário morde o lábio, chorando baixo.

Barulho de passos, muito diferente dos de um humano, próximos à janela de alumínio, mostram que a criatura circunda pelo terreno. Sem pressa alguma. Dário ainda mantém um fio de esperança em sua arma. Ele tenta trazer sua mente confusa de volta. Mas não conseguirá. Sua mente não é capaz de manter a lucidez. Não depois de ver o que aconteceu com a garota. Ela era tão pequena, magra de feições delicadas e até bonitas. Era só uma vítima perfeita. Uma vítima inofensiva o

suficiente para que pudessem relaxar e manter a guarda um pouco mais baixa. Dário acreditou que sequer precisaria da arma. Sentiu-se como um predador enquanto a garota estava amarrada. Sentiu-se poderoso o bastante para devorá-la se assim quisesse. Não é o destino cheio de ironia?

Dário não é nada diante daquilo que está do lado de fora. Ele e Jeferson são como os porcos da história infantil, que se escondiam em casas mal construídas enquanto o lobo os torturava psicologicamente ameaçando derrubar tudo com um simples sopro.

A comunidade inteira está em silêncio. Nenhum cachorro late. Nenhum pássaro, grilo, sapo, ou qualquer outro bicho tem coragem de se manifestar enquanto o lobisomem está ali.

– Laroîê Exú! – A voz de Jeferson vence o silêncio. – Traga-me proteção...

Em qualquer outra noite, Dário debocharia de seu único amigo, mas hoje, só gostaria de saber rezar para se juntar às súplicas.

O homem, dono da casa, usando um macacão de mecânico, inteiro sujo de graxa, abraça fortemente a senhora sentada sobre a cama.

– Imploro, nesta poderosa oração... – Jeferson continua com os olhos fechados e de joelhos. A pistola falsa já foi abandonada. Está caída ao seu lado.

Dário entende que, de certa forma, Jeferson também tem a quem abraçar. Sente que é o único que morrerá sozinho.

Uma pancada na porta faz a madeira se rachar.

– Orixá poderoso ouve minha oração para afastar o inimigo que me persegue...

Dário atira duas vezes em direção à entrada. Escuta os gritos dos moradores da casa logo atrás. A velha agora parece entender a situação. Jeferson segue em oração ignorando tudo em volta.

Uma nova pancada faz com que pedaços de madeira voem por todo o cômodo. Alguns acertam o rosto de Dário. O luar invade o lugar.

Mais dois disparos. Dário tem quase certeza que acertou. Mas a criatura continua rosnando, ainda mais enfurecida. Ela se inclina para poder entrar.

– Que ele não me faça o mal...

Dário, buscando algum amparo na voz do amigo, tenta mirar com calma pela primeira vez.

A criatura salta no mesmo momento em que o tiro explode.

– Que me deixe em paz...

Dário sente um frio cortante na altura do braço. O braço que segurava a arma. O braço que agora está afastado de seu corpo e jogado próximo ao fogão.

– Orixá, Exu, eu confio no teu poder e na tua benção poderosa...

Dário não consegue se mover ou sequer gritar enquanto observa o lobisomem de pé à sua frente, com saliva grossa escorrendo pelo focinho.

A criatura observa além dele, farejando o pavor das pessoas sobre a cama. Farejando a esperança tola e o cheiro salgado das lágrimas de Jeferson.

O rosto de Dário se choca contra o chão. Ele encharca-se na poça de sangue que seu braço amputado formou. Uma pata pisa bem ao lado. Mas a criatura vai em direção aos outros.

– Vou divulgar seu nome e orações Senhor...

“Ela não vai parar Jefinho” Dário pensa enquanto observa do chão, a criatura caminhar lentamente.

– Serei eternamente devoto a vós...

Dário fecha os olhos e escuta o som das garras rasgando Jeferson e o calando para sempre. Quando os abre novamente, vê a velha se debatendo na cama enquanto tem a carne frágil despedaçada por mordidas. Seu filho, ou neto, tenta se afastar, com apenas metade de uma das pernas e pedaços compridos de pele enroscados nos trapos do macacão.

Dário tem um último fio de esperança, enquanto o som de rugidos e os estalidos de carne e músculos se separando dos ossos se juntam ao zumbido em sua cabeça. Ele se arrasta com o que resta de suas forças. Vai em direção ao revolver caído a poucos metros do seu braço mutilado. Move-se o mais rápido que pode, lutando contra um desmaio iminente. Tem que alcançá-la antes que a criatura termine com os outros. Sabe que desgraçada está lhe deixando por último por diversão.

O som do ataque cessa. Dário consegue apanhar a arma com a mão que lhe resta. A porra da mão atrapalhada. Sabe que não tem nada além de um instante. Escuta o rosnado, agora baixo e mais próximo.

Dário se vira bruscamente, olha dentro dos olhos do lobisomem e encosta o cano do revolver em sua própria cabeça.

– A mim tu não mata, sua vagabunda

Dário decide que estourar os miolos, pra não ter o corpo destroçado pelo monstro é uma saída melhor. Ele dá um pequeno sorriso, já que pela primeira vez, mesmo que no fim, sente-se dono de seu destino.

Puxa o gatilho e escuta o som metálico do cão da arma batendo no tambor sem munição.

O sorriso de Dário dá lugar a um choro copioso. Ele imagina que o lobisomem não terá pressa com sua última presa. Chora imaginando que, a partir de agora, virão momentos de uma dor inimaginável, que o farão implorar pelo inferno.

Ele está certo.

Dário sempre quis ser o dono do morro, alguém temido e perigoso. Ele partiu sem saber que, momentos depois de sua morte, o ser mais perigoso que esteve por ali, no ponto mais alto da cidade, imitiu um uivo que fez cada morador temer. Todos fecharam suas janelas e passaram o resto da noite implorando para que o demônio tivesse misericórdia.

Em seus cinquenta e três anos de vida, dos quais, pelo menos vinte foram dedicados a trabalhar em prédios e condomínios, Luís viu de tudo um pouco. Acostumou-se às brigas de casais e discussões por toda sorte de motivos. Viu badernas de jovens se tornarem casos de polícia, chegou a separar marmanjos que se pegaram aos socos nas reuniões de condomínio. E, certa vez, teve até e recolher com uma pá os restos de um cachorro de madame que caiu do décimo quarto andar, enquanto tentava apanhar um pombo ou coisa do tipo.

Trabalhando na guarita do prédio de granfinos frente à praia, também testemunhou muita coisa. Não só as que ocorrem do lado de dentro dos portões, mas também o que se passa no calçadão movimentado da praia.

Nunca gostou muito de trabalhar como porteiro durante a noite. O horário é ingrato. Mas gosta da vista que tem do mar e de ver as pessoas bonitas que andam por ali a passeio ou praticando seus exercícios.

No começo da noite de hoje, quando viu o bando de jovens carregando coisas do calçadão para areia, Luís torceu o nariz. Foram caixas de som, decoração, pacotes enormes de gelo, fardos e mais fardos de cerveja... Logo imaginou que haveria uma baderna das grandes por ali.

Quando a festança começou, o porteiro não demorou em passar a mão pelo telefone, discar o número da polícia e fazer uma reclamação.

Depois de poucas horas de bagunça, quando uma correria começou na areia e logo ganhou a rua frente à praia, Luís imaginou que, graças à sua ligação, as autoridades haviam chegado para impor ordem. Riu satisfeito, vendo a molecada se espalhar como um monte de formigas que recebe o primeiro pisão.

As coisas começaram a ficar estranhas quando, do meio deles, surgiu uma jovem com seu vestido branco coberto de sangue. Luís temeu que os policiais tivessem exagerado e atirado na criançada. Foi então que escutou um urro que lhe tirou a força das pernas. Algo como nunca escutou antes. Se lhe dissessem que um leão estava solto na praia, aterrorizando a todos ele acreditaria. Parecia ainda pior, como se o próprio *coisa ruim* estivesse deixando o mar aos berros e indo contra aqueles bagunceiros. Chegou a se encolher um pouco na guarita envidraçada. Não havia polícia nenhuma. Quando voltou a razão, a mocinha de vestido branco estava em pânico se debatendo contra o portão do prédio.

Luís ponderou em abrir, mas a jovem ia acabar se entalando entre as barras de alumínio. Acionou o motor e, antes que o portão deslizesse o suficiente, ela se

machucou inteira se espremendo pelo vão. Seguiu numa corrida desesperada em direção aos elevadores.

O porteiro gritou algumas vezes para esperasse, mas ela sequer olhou para trás. Ele acionou novamente o dispositivo para fechar o portão.

Quando Luís tocou na porta da guarita para ir atrás da moça, percebeu algo muito grande avançando pela rua em direção ao prédio. Primeiro, passou pela sua cabeça que aquilo era um gorila, quando se aproximou mais, alternando sua postura entre bípede e quadrúpede, repetidas vezes, achou que se tratava de um urso. Assim que viu os olhos amarelos, voltou a acreditar que era o *coisa ruim*.

Luís se agachou por inteiro dessa vez, derrubando sua cadeira, canetas e prancheta e entrando em baixo da mesa da guarita. Quando escutou o baque do portão se fechando, torceu muito para que isso mantivesse a besta-fera do lado de fora.

Sua torcida mal havia começado quando escutou o barulho do metal sendo retorcido e o som do portão quicando pelo chão.

Agora, Luís corre para o meio da rua, deixando o prédio para trás e juntando-se a jovens tão desorientados quanto ele. Muitos dos moradores estão nas sacadas e janelas dos apartamentos, tentando entender o que está acontecendo.

A sirene e o som de pneus derrapando precedem as luzes do *giroflex* do carro de polícia. Agora sim.

Luís praticamente se joga na frente do veículo, enquanto chacoalha os braços. Alguns jovens fazem o mesmo.

O primeiro policial desse com a mão no coldre de sua arma, olhando para todos os lados e buscando uma explicação que talvez não exista. Quando o motorista desce, Luís o reconhece. Não é a primeira vez que atende uma das frequentes ligações do porteiro.

– O que aconteceu aqui, seu Luís? – O policial conhecido pergunta, mostrando mais calma que parceiro, visivelmente irritado pela quantidade de jovens os cercando.

– Credeuspai todo poderoso! – Luís continua gesticulando incessantemente.  
– Um bicho entrou atrás da moça, meu Jesus!

– Um bicho...?

Um urro ecoa, vindo de dentro do prédio, ganhando as ruas e indo se dissipar de encontro ao mar. Luís leva as mãos à cabeça, pensando seriamente em correr sem olhar para trás. Pelo menos, não terá o trabalho de convencer ninguém de que diz a verdade.

O porteiro não se recorda do nome do policial mais calmo, mas se admira pela forma com que ele empunha a arma e avança para dentro do prédio. O outro continua parado e relutante, imerso em sua falta de compreensão, até que os berros do parceiro lhe trazem de volta à tona.

– Vamo, porra! Vai, vai, vai!

Todos do lado de fora ficam quietos, como se prendessem a respiração, enquanto os policiais chegam rapidamente ao saguão. Ambos somem de vista quando passam pela porta que leva às escadarias. Luís murmura uma oração baixa, mas tapa a boca com as mãos quando o primeiro disparo explode dentro do prédio.

A gritaria recomeça e Luís continua estático, escutando as explosões se repetindo. Não consegue contar quantos tiros já foram dados, mas tem certeza que os policiais estão descarregando suas armas no demônio.

Os disparos produzem clarões que parecem raios vindos do subsolo do prédio. Então, tudo cessa.

Luís caminha a passos lentos, agora que o silêncio impera dentro do prédio, a não ser pela voz dos policiais que parecem discutir entre si. Até os moradores que tentavam entender o que acontecia, pendurados em suas sacadas, estão calados. O porteiro adentra o saguão, apreensivo, em direção à porta que leva às escadas. Está escancarada. O cheiro de pólvora é muito forte.

Quando desce os primeiros degraus, Luís vê nuvens dançantes de fumaça e avista o primeiro policial sentando, com as costas escoradas em uma das paredes escuras. Ele segura a arma em uma das mãos, enquanto a outra apóia o rosto. Parece estar orando.

O porteiro, enfim, chega ao nível do subsolo e encontra o outro policial, de pé e completamente imóvel, olhando fixamente para algo caído logo à frente.

As pernas de Luís enfraquecem e ele vai de joelhos ao chão. A visão dos pedaços daquela jovem, espalhados pela garagem, seria o suficiente para derrubá-lo. Assim como a perna da moça, ainda gotejando sangue, sobre o capô de um dos carros. Mas não é isso que faz de fato seus joelhos dobrarem e que, logo, o impedirá de seguir em suas atividades normais naquele ou em qualquer outro tipo de trabalho. O que acaba com sua lucidez é enxergar, com os olhos que achava já terem visto de tudo, o focinho do monstro, crivado de tiros, se retraindo, até se transformar no rosto de um rapaz.

Luís tem vontade de dizer o óbvio. Vontade de dizer que não foi o rapaz morto no chão, com buracos de tiro pelo corpo e cabeça, que entrou no prédio perseguindo a pobre moça. Também tem vontade de dizer que entende os policiais. Sabe que não foi no menino, e sim no demônio que o possuiu, que eles descarregaram suas armas. Mas, talvez pelo estado de choque em que se encontra,



olhando para os miolos espalhados perto do crânio arreventado do rapaz, Luís só consegue dizer:

– Eu que não vou limpar essa merda.

# UM DIA QUALQUER

## UMA NOITE SEM LUA

## SEU LUÍS

20 horas e 20 minutos

O conhaque desce sem gosto pela garganta de Luís. Já faz mais de um mês que nenhuma comida ou bebida tem sabor, para falar a verdade.

As imagens daquela noite vêm repetidas, uma após a outra, como num carrossel. Mas ao invés de cavalos coloridos e afeminados, é um monstro de olhos amarelos que está sobre o brinquedo.

No bar, a TV exhibe o jornal local, onde a apresentadora fala sobre os cuidados que a população tem que tomar. As notícias continuam insistindo em ataques de onças. Os moradores andam com medo, evitando as áreas de maior vegetação e os morros.

Luís olha em volta. Poderia se levantar gritando que fora um lobisomem o responsável pelas mortes. Seria uma cena de filme de terror onde o bêbado louco está certo no final. Mas não. Deixa prá lá. Nem os policiais tiveram coragem de falar publicamente sobre o que aconteceu de fato. Devem ter sido instruídos pelo mesmo pessoal que levou as gravações das câmeras do prédio.

A criançada da festa? Pelo tanto de droga que acharam com eles e na praia, serão os últimos levados a sério.

Luís repara que está bêbado assim que levanta da cadeira. Mantém a postura e entrega uma nota de valor alto para a moça do caixa. Protegida atrás do vidro, ela faz ele se lembra da sua antiga guarita. Sacode a cabeça e sai, deixando o troco para lá.

Seu carro está estacionado bem de frente para o bar. O carro popular que ralou pra comprar e que estava guardado na garagem naquela noite dos infernos. Teve que limpar muito sangue do pára-brisa.

Assim que destrava a porta, repara em uma jovem parada na calçada, bem próxima. Até que é bonita. Julga ser uma prostituta, pelas roupas e maquiagem pesada. Há bastante delas por este bairro.

Ela sorri.

Luís olha em volta, um tanto sem jeito, antes de retribuir. Casado há muito tempo, não leva jeito com mulheres. Mas admite que talvez esteja carente. A esposa e as filhas foram para casa de sua sogra já faz duas semanas. Não aguentaram as histórias sobre monstros e o excesso de álcool.

– Posso deixar você em casa se quiser. – Luís fala com coragem, ainda olhando para os lados e se certificando que o sorriso é mesmo para ele.

A mocinha apenas aquiesce com a cabeça enquanto se aproxima. Luís repara que ela é jovem demais, poderia ser sua filha. Mas não é. Certo?

Quando se afastam do bar, Luís liga o aparelho de som e música sertaneja começa a tocar. Pela cara que a mocinha faz, lhe encarando com os olhos verdes e gelados, não deve gostar. Tem jeito de roqueira. Azar o dela. O carro é dele, quem manda é ele. E a música vai ser essa.

No céu, as nuvens se abrem e Luís sente um aperto no peito quando vê a lua cheia.

– Nem sabia que essa desgrama no céu tava desse jeito – ele faz o sinal da cruz com uma mão, enquanto a outra segura o volante. – É melhor você não andar sozinha em noites assim. Nem imagina o que existe por essas bandas. Tá me ouvindo?

A resposta é um longo rosnado.